

Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva



1290000295



TCC/UNICAMP Si38a

**ANÁLISE DAS DIMENSÕES AFETIVAS NAS RELAÇÕES
PROFESSOR-ALUNO**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNICAMP

2001

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva

**ANÁLISE DAS DIMENSÕES AFETIVAS NAS RELAÇÕES
PROFESSOR-ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite.

Campinas/SP

2001

UNIDADE.....	FE.....
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	Sº 38a
V.....EX.....	
TOMBO.....	295
PROC.....	1241/003
C.....	X
PREÇO.....	11,00
DATA.....	05/07/03
Nº CPD.....	1241/003
	310454

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Si38a Silva, Mirian Lourdes Ferreira dos Santos.
Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno / Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Sérgio Antonio da Silva Leite.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Afetividade. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Emoções. 4. Professores e alunos. 5. Relações humanas. I. Leite, Sérgio Antonio da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

01-0209-8FE

Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite

Prof. Dr^a. Regina Maria de Souza

"SE..." UM POEMA PARA O MESTRE

SE fores capaz de olhar as crianças e os jovens com quem trabalhares, não do alto de um tablado, mas ajoelhado no chão ao seu lado;

SE conseguires acreditar em cada um deles como uma individualidade e uma alma potencialmente boa e suscetível de aperfeiçoamento;

SE tiveres consciência da necessidade de florescer sua personalidade, sem rudezas e agressões;

SE fores simples, modesto, tranqüilo e confiante, quando todos a teu redor estão envoltos em vaidade, pretensão e desassossego;

SE tiveres a sabedoria de reconhecer que estás falhando no teu mister diário de reconsiderar teus métodos;

SE continuares acreditando nos valores que tu mesmo te impuseste como objetivos de vida e profissão, quando outros a teu lado estão fazendo concessões;

SE aprenderes a dominar tua irritação, quando as cabecinhas te disserem com simplicidade: "não entendi", depois do lhe teres repetido dez vezes a mesma explicação;

SE te esforçares por gostar daqueles que te não são simpáticos, sem que eles percebam o quanto isso te custa;

SE tiveres a capacidade de amar incondicionalmente aquele que é feio, pouco inteligente, ou que não é da tua raça, da tua cor, da tua religião;

SE fores capaz de suportar não apenas as dificuldades do teu trabalho, mas as incompreensões daqueles que te deviam respeito e amor;

E SE, ao final de tudo, souberes e puderes dizer, reconhecidamente ao PAI: "Eu vos agradeço pela minha profissão, porque Vós não me permitis que ela seja meio de acumular os tesouros da terra que a traça come e o tempo destrói";

ENTÃO SERÁS, REALMENTE, UM PROFESSOR!!

Especialmente aos meus filhos, Brian e Nathan, ao meu marido Edilson e à minha mãe, que acompanharam toda minha trajetória, compreenderam a minha ausência e sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis. Dedico também a todos os amigos que sempre acreditaram em mim, incentivaram-me e tornaram possível a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite, pela orientação segura e competente e principalmente pela dedicação e amizade presentes em todo decorrer da pesquisa.

À Prof^a. Dr.^a Regina Maria de Souza, pelas sugestões oferecidas, diálogos, reflexões, incentivo e, sobretudo, pela amizade que nos uniu.

À Prof^a. Ivany Rodrigues Pino, inspiradora que, com sabedoria, dedicação e amizade, soube compreender os momentos difíceis pelos quais passei no início do Projeto desta Pesquisa, assim como pela preocupação em colaborar com a ampliação em meus referenciais teóricos;

À Prof^a. Dr.^a Ana Luíza Smolka, pela generosidade com que me recebeu e pela orientação teórica fornecida que permitiu um direcionamento no início do Projeto desta Pesquisa.

À Suzete, por acreditar que era possível e por tudo...

A todos os alunos, e especialmente à professora, que participaram diretamente nessa pesquisa e pela riqueza de seus dizeres.

ÍNDICE

BANCA EXAMINADORA-----	I
EPÍGRAFE-----	II
DEDICATÓRIA-----	III
AGRADECIMENTOS-----	IV
ÍNDICE-----	V
1. INTRODUÇÃO-----	1
2. DEFININDO O OBJETO-----	2
3. SOBRE A AFETIVIDADE-----	5
4. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO-----	10
5. MÉTODO-----	11
5.1 A Instituição e os Sujeitos-----	11
5.2 Procedimentos de coleta de dados-----	13
5.2.1 Entrevistas-----	13
5.2.1.1 Entrevistas individuais-----	13
5.2.1.2 Entrevistas coletivas-----	14
5.2.2 Diário de campo-----	15
6. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS -----	16
7. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS – CATEGORIAS-----	18
7.1 Características Pessoais da Professora-----	18
7.2 Práticas Pedagógicas-----	26
7.3 Relação Professor-aluno-----	41
8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS-----	46

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	52
ANEXO 1 Roteiros para as entrevistas-----	54
ANEXO 2 Afetividade-----	57
ANEXO 3 Justificativa-----	59
ANEXO 4 Parcialidade-----	60
ANEXO 5 Aspectos Negativos-----	61
ANEXO 6 Apoio-----	62
ANEXO 7 Atenção-----	67
ANEXO 8 Atividades Julgadas Positivas-----	70
ANEXO 9 Atividades Julgadas Negativas-----	74
ANEXO 10 Instrução-----	77
ANEXO 11 Socialização-----	79
ANEXO 12 Relação Professor-Aluno-----	81
ANEXO 13 Entrevista com a Professora-----	85

1. INTRODUÇÃO

O tema afetividade vem sendo muito discutido ultimamente pelos educadores, pois é um assunto que está em evidência. No entanto, são poucas as pesquisas desenvolvidas nesta área. Por se tratar de um assunto instigante para mim, desenvolvi uma pesquisa baseada em um estudo de caso, buscando descobrir se a afetividade é importante ou não, para o processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa tem como pressupostos teóricos, a teoria sócio-histórica de Vygotsky e a teoria psicogenética de Wallon, porque esses dois autores afirmam que não se pode separar o afetivo do cognitivo, pois ambos se completam, conforme será discutido nos itens específicos deste estudo.

Visando trazer para discussão a questão afetiva presente na sala de aula, procurei identificar relatos verbais, através de entrevistas com alunos, que corresponderam às dimensões afetivas existentes na relação professor – aluno, definindo no item dois o objeto de pesquisa, abordando no item três os pressupostos teóricos, o objetivo no item quatro, sendo os itens cinco, seis e sete dedicados ao método, à análise de dados e a discussão dos resultados, que expressam minhas conclusões a respeito da importância das questões discutidas, para a Educação.

2. DEFININDO O OBJETO

Há quatro anos atrás, quando resolvi voltar a estudar, fui fazer cursinho pré-vestibular. No cursinho, conheci uma professora de história muito especial. Esta professora era extremamente competente, demonstrando um grande domínio do conteúdo a ser ministrado. Tudo o que ela podia fazer para despertar no aluno, tanto o interesse em aprender como a vontade de estudar, ela fazia. Por exemplo: na sua aula de história medieval, assistimos ao filme “O nome da Rosa”, ouvimos músicas da época, vimos fotos, lemos vários textos, fizemos debates, etc.

A relação interpessoal que estabelecia com os alunos era muito instigante: estava sempre aberta ao diálogo e à troca, o que criava uma situação de igualdade e permitia que esta relação professor – aluno extrapolasse os limites do “ensino-aprendizagem”, construindo com o grupo um relacionamento afetivo significativo. A qualidade desta interação podia ser percebida em suas aulas, já que eram as mais frequentadas e fascinantes, das quais os alunos mais participavam.

Qualquer elogio ao seu trabalho obtinha dela a seguinte resposta: “- Adoro dar aula, amo o que faço e por isso faço com prazer”. Essa professora suscitou em mim o gosto por aprender história, o que até então eu não tinha, e me fez perceber que o “(...) *afeto: é indispensável na atividade de ensinar*”. (Codo e Gazzotti, 1999, p.49).

Fazendo uma comparação entre a professora de história do cursinho com os professores dessa mesma disciplina do ginásio e colegial, posso afirmar que existia uma grande diferença. As aulas destes eram ministradas no modelo tradicional, baseadas na memorização de fatos e datas e não havia possibilidade de participação ativa dos alunos na aula; tudo era imposto sem questionamento e sem que nos permitisse desenvolver uma visão crítica. Percebo que não construí com eles e com o objeto uma relação marcada pela afetividade, pois nem de seus nomes me lembro.

Outro exemplo marcante ocorreu com a professora de matemática do ginásio (que era uma disciplina que de início, eu não gostava); até hoje, guardo na memória a sua relação com os alunos. Ela sempre nos tratou com muito carinho e atenção; nas suas provas eu tinha um ótimo desempenho, até porque para mim era questão de honra tirar nota boa. Sua forma de ser fazia com que a classe participasse da aula sem receios e,

com isso, ela conquistou a simpatia dos alunos. Isso, hoje, me faz reconhecer que a afetividade que estava presente, de forma significativa, influenciou meu desempenho na época.

A partir dessas questões, tenho refletido sobre algumas dúvidas: o estabelecimento de uma relação, marcada por laços de afetividade entre professor e aluno, é determinante ou não do sucesso deste aluno? Uma relação entre professor e aluno, em que a dimensão da afetividade presente não seja significativa, compromete o envolvimento do aluno no processo de ensino e aprendizagem? Por quê?

Na obra “Educação: carinho e trabalho”, coordenada por Codo, há um texto (Codo e Gazzotti, 1999) que trata da afetividade e trabalho. Neste texto, os autores definem que a palavra **afeto** vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, que é um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza” (p.51).

Neste texto, o autor afirma que se o aluno não se envolve de uma forma afetiva positiva com o professor, ele poderá até fixar os conteúdos, mas uma aprendizagem significativa não ocorrerá, o que deixará o processo de ensino-aprendizagem com grandes lacunas.

A relação estabelecida entre o professor e o aluno torna-se, desta forma, extremamente importante, e o professor deve saber que seu aluno não é simplesmente um objeto, mas sim, o sujeito da aprendizagem; além disto, o aluno não é uma tábua rasa, pois, como ressalta Oliveira (2000), está impregnado de significações adquiridas socialmente, porque, desde que a criança nasce, o meio cultural em que está inserida influencia o seu desenvolvimento psicológico. Assim, o professor é um mediador na construção do conhecimento do seu aluno, é uma “peça” fundamental para o educando, por isso deve estabelecer vínculos afetivos positivos com ele, que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem.

Codo e Gazzotti levam-me a pensar que a afetividade pode ser o ponto chave para tentar superar o processo de ensino-aprendizagem tradicional. A partir de minhas experiências pessoais, passei a acreditar que a forma como o professor mediar a aprendizagem, criando um vínculo afetivo positivo com os alunos, mesmo sem ter

consciência de sua importância, é o que possibilitará aos alunos desenvolverem o gosto por aprender e isso é extremamente importante, porque possibilitará uma aprendizagem significativa e efetiva. Desta forma, a questão da afetividade parece ser fundamental para possibilitar uma relação positiva entre o sujeito e o objeto do conhecimento, relação esta entendida agora como a principal no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dessas reflexões, tenho como pressuposto que o aluno que não gosta de aprender, ou não se sente motivado, poderá apresentar um mal desempenho escolar. E se o objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos, é importante que ele saiba que “ensinar exige querer bem aos educandos” (p.159), como propõe Freire (2000).

Este autor afirma que a afetividade não o assusta e por isso ele não tem medo de expressá-la, mesmo porque não existe separação radical entre seriedade docente e afetividade. Segundo suas palavras: “Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar”. (Freire, 2000, p.159-160). Para ele, a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade e a prática educativa, por ser estritamente humana, não pode ser vista, na educação, como uma experiência fria, sem sentimentos e emoções.

3. SOBRE A AFETIVIDADE

De início, uma questão importante que merece ser destacada é a diferença entre afetividade e emoção. Galvão (1999) chama a atenção para esta questão na obra de Wallon:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (p.61).

Na teoria Walloniana, a emoção ocupa um lugar de destaque. O autor analisa a questão tanto quando descreve os estágios do desenvolvimento infantil como quando elabora sua teoria sobre as emoções humanas especificamente.

As emoções, segundo Wallon, possuem características específicas que as diferenciam de outras manifestações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, secura na boca, mudança no ritmo da respiração, etc. Além disso, as emoções também provocam alterações na mímica facial, na postura e na forma como são executados os gestos. /

Pereira (1998), em sua tese de Doutorado, citando Dantas, parte da concepção de Wallon sobre a função social e a natureza das emoções; propõe que a educação tome este tema como objeto de reflexão. Quanto à natureza das emoções, destaca seu grande poder de contágio e seu antagonismo à atividade intelectual, responsável por seu poder regressivo, isto é, de obscurecer a percepção do exterior e do raciocínio.

Na vida cotidiana é possível constatar que a elevação da temperatura emocional tende a baixar o desempenho intelectual e impedir a reflexão objetiva. (...) é como se emoção embaçasse a percepção do real, impregnando-lhe de subjetividade e, portanto, dificultando reações intelectuais coerentes e bem adaptadas (Galvão, 1999, p.66-67).

E como, para Wallon, os estados afetivos manifestam-se através das emoções, faz-se necessário buscar indícios sobre como estes podem influenciar nas relações entre educador e educando e, em consequência, no processo de ensino- aprendizagem.

Abramovich (1997), organizadora do livro “Meu professor inesquecível”, traz alguns relatos de experiência de professores, nos quais fica clara a relação professor- aluno, envolvendo a afetividade de forma positiva. A partir das experiências significativas evidenciadas nesse livro, pude perceber que os professores que interagiram com os alunos de uma forma mais próxima e afetiva foram os que mais contribuíram para a construção do conhecimento deles e também para o seu futuro profissional. Isto me fornece, portanto, um indício de que a relação afetiva tem importância para a construção do conhecimento e o gosto por aprender e deve ser marcada pela confiança do educador para o educando e vice – versa.

É interessante ressaltar que uma das experiências pedagógicas marcantes, envolvendo a afetividade de forma negativa, relatada neste mesmo livro, foi a da própria organizadora, Abramovich, que conta sua vivência em sala de aula com uma professora que ensinava nos moldes tradicionais, através da repetição sucessiva, cujos lemas eram:

Punição sempre! Na dívida, vai ficar de castigo! Repetição de qualquer informação até sabê-la de cor, sem hesitações nem paradas indicativas de alguma incerteza. Consideração para com os melhores alunos e expectativas de puxa-saquismo da parte deles. Risadas, só fora da classe. Isso na época em que se dizia que a escola era risonha e franca...Seguramente, não com ela (p.88).

Segundo esta autora, até hoje suas lembranças lhe causam calafrios, já que esta professora era para ela “uma sádica de plantão permanente”. E apesar de ser uma ótima aluna, ela afirma que desta professora “lembra mal as informações escolares recebidas” (p.89), pois o que ficou marcado foi a aversidade, como a própria autora relata: “Lembro que, com ela, vivi a rigidez, a dureza, a cobrança permanente. E o medo!!! (...) (p.89)

São situações como essas que podem acabar por deteriorar as relações entre professor e aluno prejudicando o processo de aprendizagem, podendo também interferir no gosto por aprender.

。 Desta forma, a questão da afetividade entre professor e aluno passa a ser importante para o processo de ensino e aprendizagem. Por isso é interessante discutir, também, a questão da construção de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, em especial as formas como se estabelecem estas relações, como os sujeitos vão se constituindo. Para tanto, assumirei como referencial teórico as contribuições de Vygotsky e de Wallon. Segundo esses dois autores, a aprendizagem envolve sempre a relação do eu e do outro, tornando-se fundamental na construção do conhecimento.

A questão da aprendizagem e do papel do professor no processo de construção do conhecimento, para Vygotsky, está inserida na sua concepção sobre o desenvolvimento humano. Um conceito que se destaca com relação ao papel do outro (no caso, o professor), na teoria sócio-histórica, é o de "mediação", que de uma forma geral *"é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento"*. (Oliveira 2000, p.26).

Oliveira também esclarece que, para Vygotsky, o aprendizado é o objetivo do processo escolar e a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. Essa intervenção se dá de várias formas: mostrar, fazer junto, fazer por, apontar, criticar, apoiar, etc. Todas são formas de mediação. Nesse processo, a interação entre professor e os alunos é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos.

(...) Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio – históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como "processo de ensino – aprendizagem" incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (Oliveira, 2000, p.57).

Tendo em vista o papel fundamental do outro, que pode ser tanto o professor como o meio social, e a importância da relação afetiva que se estabelece no processo ensino-aprendizagem, o objeto desta pesquisa relaciona-se com as dimensões afetivas presentes na dinâmica da sala de aula, considerando-se a qualidade da relação entre

professor e alunos e sua influência na aprendizagem e no interesse ou desinteresse dos alunos pelos objetos específicos de conhecimento.

Vygotsky também evidencia que não se deve separar o afetivo do cognitivo, e que um dos grandes problemas da psicologia tradicional é a ruptura entre o intelecto e o afeto, uma vez que o pensamento vem do que ele chama de esfera de motivação, que corresponde às necessidades, interesses, afetos, emoção, etc. Nesta esfera encontra-se a razão do pensamento e, assim, uma compreensão detalhada do pensamento humano só é possível através da compreensão da base afetivo – volitiva, como ele próprio enfatiza:

A separação do intelecto e do afeto, diz Vygotsky, “enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como fluxo autônomo de “pensamentos que pensam a si próprios”, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa (Oliveira, 1992, p.76).

Pereira (1998) afirma que a investigação da questão da afetividade na educação é um campo pouco explorado pela pesquisa educacional, embora a autora enfatize que a questão das emoções e da expressividade se impõe de forma evidente.

Em sua recente pesquisa, Tassoni (2000) teve como objetivo identificar as manifestações afetivas observadas na relação professora-aluno(s), durante o processo escolar de apropriação da linguagem escrita. A pesquisa foi realizada com crianças de 6 anos e a autora coletou dados sugerindo que, quando se estabelece um vínculo afetivo entre o professor e aluno, a criança constrói relações muito significativas com o objeto de conhecimento.

Tassoni ressalta também que: “O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê afetam profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem” (p.149). Segundo a pesquisa, as dimensões afetivas acontecem em sala de aula principalmente através de posturas físicas e de conteúdos verbais e que a mediação, realizada pelas professoras que participaram da pesquisa, constitui-se em um fator essencial para determinar a natureza da relação do aluno com a escrita.

Meu interesse na presente pesquisa diz respeito a verificar como essas relações acontecem na antiga 5ª série (1º ano do Ciclo III do ensino fundamental), já que era onde se encontrava um dos maiores índices de repetência e evasão. Segundo Leite (1993), tal situação é conseqüência determinada por uma série de fatores extra e intra-escolares. Alguns desses fatores estão relacionados à falta de seqüência intra e entre séries, na estrutura e organização do plano curricular da escola, o que provoca despreparo do aluno para atender às exigências acadêmicas do 1º ano do Ciclo III.

Outro fator refere-se a mudanças bruscas nas relações professor-aluno, em termos quantitativos e qualitativos, causadas pela introdução, neste 1º ano, do sistema de grade curricular, fundamentado na organização hora-aula, intercalando diferentes disciplinas, com diferentes educadores, causando diversidade na qualidade das relações de sala de aula, já que a relação que se estabelece entre o professor e o aluno passa a ser marcada pela impessoalidade, etc.

A pesquisa sobre este assunto torna-se relevante, uma vez que seus resultados poderão suscitar a reflexão dos educadores sobre as suas práticas e sensibilizá-los para a questão da necessidade de se repensar as práticas pedagógicas tradicionais, incluindo a afetividade de forma positiva em suas relações com seus alunos, bem como contribuindo para a formação de educadores.

4. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar as dimensões afetivas identificadas nas relações em sala de aula, em especial nos vínculos estabelecidos entre professor e alunos, bem como a possível influência destes no processo de ensino - aprendizagem.

Pretende-se identificar como se estabelecem os vínculos afetivos entre professor e alunos, em uma sala do 1º ano do Ciclo III (antiga 5ª série), durante as atividades da disciplina de Língua Portuguesa, como produção de texto, leitura, expressão oral, etc., bem como analisar os possíveis efeitos dessas relações no desempenho dos alunos na disciplina.

Entende-se por dimensão afetiva, nesta pesquisa, todos os aspectos das interações que acontecem na sala de aula e que envolvem o professor e os alunos com caráter afetivo.

Este objetivo foi proposto procurando aprofundar os estudos sobre a afetividade. Apesar dos fenômenos afetivos serem de natureza subjetiva, torna-se muito importante analisá-los, uma vez que estes são fundamentais para a compreensão da condição humana.

O ser humano, por ter uma constituição histórico-social, desenvolve-se através das relações que estabelece com outros indivíduos; desta forma, a qualidade destas interações, enquanto experiências vivenciadas, estão diretamente relacionadas aos fenômenos afetivos. A partir desta questão pode-se pensar que tais experiências vão conferir um sentido afetivo e significativo ao objeto de conhecimento.

5. MÉTODO

Esta pesquisa foi desenvolvida segundo a metodologia de abordagem qualitativa, especificamente o estudo de caso. A pesquisa qualitativa presume a convivência direta e prolongada da pesquisadora com o ambiente e a situação que está sendo pesquisada, através do trabalho de campo.

A partir desta metodologia, também procurei *“revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes”* (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.19).

Um aspecto importante desse método é que ele permite generalizações naturalísticas, (LUDKE e ANDRÉ, 1986 p.19), *“pois podemos dizer que o estudo de caso qualitativo ou naturalístico encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade”*.(LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.23) Desta forma, as conclusões de um caso particular também poderão ser aplicadas para análise de outras situações similares.

5.1. A Instituição e os sujeitos

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino da rede privada, que atende cerca de 1200 alunos. Essa escola iniciou suas atividades em 1988 e foi escolhida porque, além de ser bem conceituada, apresenta resultados positivos no 1º ano do Ciclo III, apresentando, inclusive, resultados positivos na disciplina de Língua Portuguesa, o que me instigou a buscar os possíveis determinantes desses resultados.

Em contato com a coordenadora dos 1º e 2º anos do Ciclo III, tive conhecimento que a Instituição também atribui importância às relações afetivas e estava desenvolvendo um trabalho voltado para essa área. Quando questionada sobre a possibilidade de realização de uma pesquisa sobre este tema, a coordenadora mostrou-se extremamente receptiva e favorável.

O contato inicial com a direção da instituição foi seguido de um contacto meu com a professora de Língua Portuguesa e também de observações informais, em uma sala do 1º ano do Ciclo III, durante as aulas de Língua Portuguesa, visando conhecer, de uma forma geral, a maneira como a professora se relacionava com os alunos.

É oportuno esclarecer que esses alunos, desde a 1ª até a 4ª série, vinham tendo aulas ministradas por uma professora “polivalente”¹. A partir da 5ª série passaram a ter várias matérias, sendo cada uma delas ministrada por professores diferentes. Essa mudança causa diferentes reações nos alunos em relação àqueles professores.

É meu objetivo relatar a vínculo afetivo construído na relação professor-aluno, especificamente quanto à professora de Língua Portuguesa, aquela eleita para a minha pesquisa.

Para realizar as observações na Instituição escolhida, optei por começar a pesquisa no início do ano, assim eu poderia verificar como os alunos receberiam a nova professora, sabendo que agora, por ser 5ª Série (1º ano do ciclo III), o tempo de contato entre professora – aluno (a) seria bem menor.

Para minha surpresa ao chegar na Instituição, a professora que me auxiliaria na pesquisa, tinha sido transferida para outra série. Ainda que frustradas as expectativas, pois a empatia inicial com a professora escolhida me fazia crer que o trabalho fluiria em um ambiente mais afetivo, tendo em vista a generosa receptividade com que fui recebida, ao conversar com a diretora, esta me afirmou que não haveria problemas, pois a pesquisa poderia ser realizada com a professora que ficaria no lugar daquela transferida.

A princípio, houve certa preocupação. A professora “A”, titular da disciplina de Língua Portuguesa, estava grávida e só ficaria com os alunos no mês de fevereiro. A pesquisa, então, seria realizada com uma substituta, a professora “R”, que ministrava aulas para este mesmo Ciclo no período da tarde.

Conheci a professora “R” no dia em que comecei a coleta de dados, sendo que a própria diretora nos apresentou. A professora “R” não tinha conhecimento da pesquisa, mas me recebeu muito bem e, com sua permissão, dei andamento ao trabalho. A escola possui três 5^{as} séries; informei aos alunos das três salas o teor da pesquisa e de como esta seria realizada, desde as observações até as entrevistas.

No início, assisti às aulas da professora “R”, nas três 5^a séries, para poder escolher qual das três seria selecionada, disponibilizando uma cópia do projeto para que a professora pudesse saber do que se tratava e de como a pesquisa seria desenvolvida.

Após um mês de observações das salas de aula, optei por ficar com a 5^a série “C”, constituída por 10 meninos e 17 meninas, totalizando 27 alunos. Tratava-se, ao meu ver, de uma “classe” com alunos afetivos, pois logo no início das observações foi possível perceber que os mesmos estavam estabelecendo, aparentemente, um bom relacionamento com a professora “R”, além de se mostrarem receptivos à pesquisa já que se ofereciam para participar das entrevistas.

5.2. Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados a partir de entrevistas individuais e coletivas.

5.2.1. Entrevistas

Foram realizadas entrevistas semi-diretivas coletivas com os alunos e individuais com a professora e com alunos selecionados. A escolha da entrevista semi-diretiva foi devido ao fato deste tipo de entrevista não possuir uma ordem rígida de questões, podendo o entrevistado discorrer sobre o tema a ser abordado *“com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica”* (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.33).

5.2.1.1 Entrevistas individuais

As entrevistas individuais foram desenvolvidas a partir dos roteiros apresentados no Anexo 1 com o objetivo de registrar as opiniões dos sujeitos envolvidos sobre a questão da afetividade presente na sala de aula.

Anteriormente às entrevistas, foram realizadas observações das relações entre os alunos e a professora, em sala de aula, durante a realização de atividades da Disciplina Língua Portuguesa, como provas e redações. Essas observações tinham como objetivo destacar situações que possibilitassem a seleção dos alunos, bem como fornecer dados para a elaboração das perguntas para as entrevistas individuais.

¹ Professora que ministra todas as disciplinas concernentes à sua sala de aula.

As entrevistas foram realizadas inicialmente em um local disponibilizado pela escola, sendo gravadas em fita cassete, com a permissão dos informantes, para serem transcritas para análise.

a) Entrevistas individuais com os alunos.

As perguntas das entrevistas individuais eram direcionadas para as atividades de redação e prova vivenciadas pelos alunos em sala de aula, buscando obter de cada aluno selecionado, dados sobre o que sentiu, achou, vivenciou, gostou, sobre sua relação com a professora, durante as atividades. As entrevistas individuais visaram avaliar a importância dada pelos alunos à afetividade presente nas relações com a professora. Foram realizadas onze entrevistas individuais.

b) Entrevista individual com a professora.

A entrevista realizada com a professora teve como objetivo caracterizar o seu perfil, bem como sua concepção sobre a afetividade, buscando evidenciar alguns aspectos que foram apontados pelos alunos, durante as entrevistas realizadas, assim como sua opinião as atividades desenvolvidas. Transcrição da entrevista na íntegra, encontra-se no Anexo 13.

5.2.1.2 Entrevistas coletivas com os alunos

Foram realizadas seis entrevistas com todos os alunos, que se apresentaram espontaneamente em grupos selecionados entre si, cada um com oito ou dez participantes.

Essas entrevistas tinham como objetivo ampliar e enriquecer as informações coletadas nas entrevistas individuais.

5.2.2 Diário de campo e gravações

O Diário de Campo situa-se como um instrumento de grande importância nas abordagens qualitativas, por nele estarem registrados os dados complementares coletados nas observações e entrevistas, além das minhas impressões pessoais.

6. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados em diferentes etapas.

Em um primeiro momento, os dados coletados a partir das entrevistas foram transcritos; posteriormente foram analisados procurando identificar os aspectos dos relatos verbais, que corresponderam às dimensões afetivas presentes nas relações professor-aluno de cada sujeito envolvido na pesquisa.

Em um segundo momento, o conjunto de todos os relatos verbais dos alunos foi interpretado e os dados agrupados em três grandes categorias de análises que correspondem a possíveis dimensões afetivas identificadas nas relações professor-aluno em sala de aula.

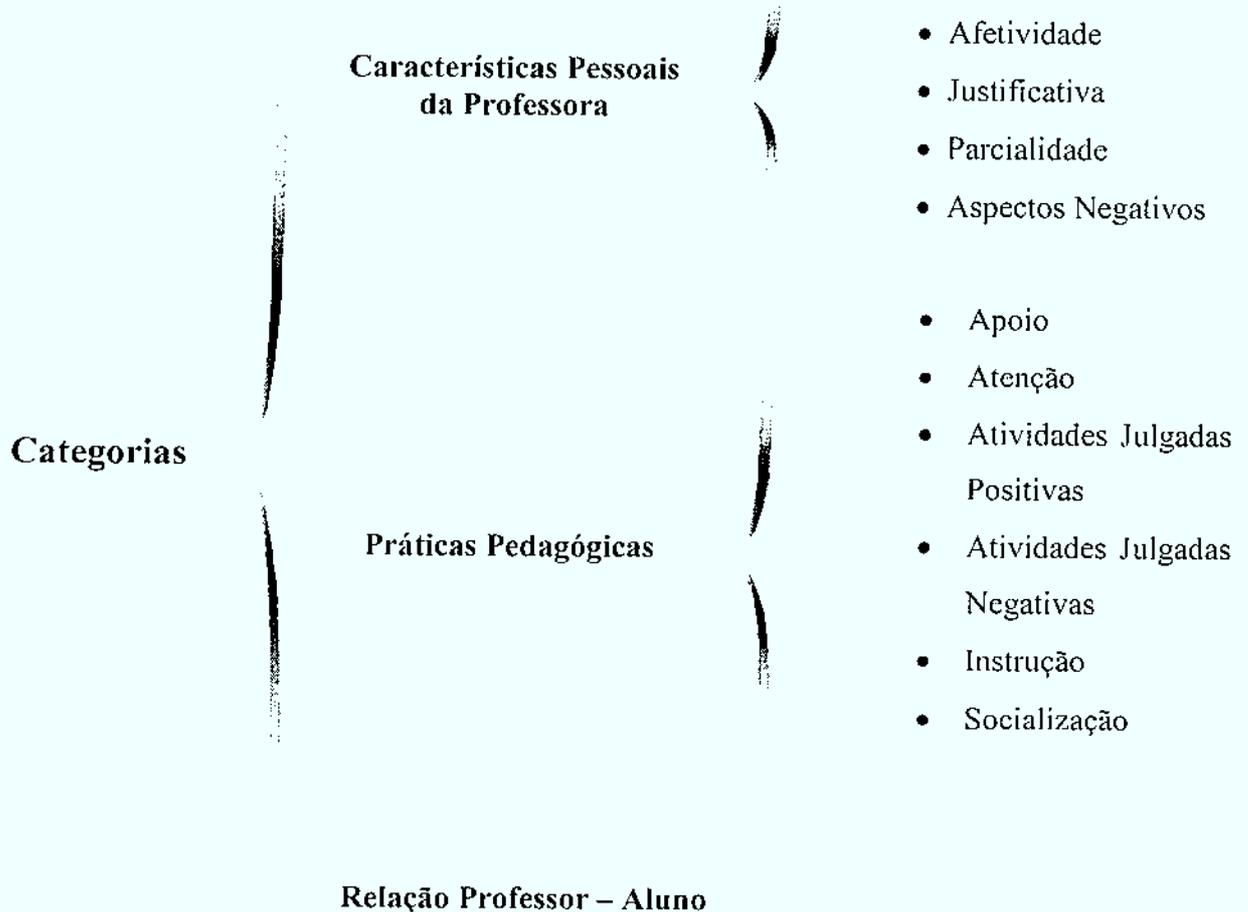
A análise foi realizada a partir das falas mais significativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Em seguida os dados das categorias foram agrupados em subcategorias para efeito de análise.

Após reler várias vezes os dados coletados, foi possível destacar aspectos afetivos presentes nas verbalizações dos alunos a respeito da postura da professora, de suas práticas pedagógicas e principalmente de sua relação com os alunos.

A partir dessa questão, elaborei subcategorias para efeito de análise, baseando-me em aspectos que evidenciavam características específicas na forma da professora interagir.

A seguir, as três grandes categorias acompanhadas das subcategorias, sendo que a última categoria não apresenta subcategorias, o que será especificado na descrição dos resultados.



Os Anexos 2 a 11 dizem respeito aos recortes das entrevistas correspondentes a cada subcategoria. O Anexo 12 está relacionado à categoria Relação Professor-aluno. É importante esclarecer que as verbalizações, apesar de serem recortes das entrevistas, estão transcritas na íntegra, não se alterando, portanto, a fala do aluno, mesmo que apresente a linguagem coloquial.

7- DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS – CATEGORIAS

Serão apresentados os dados pormenorizados com relação a cada categoria e suas respectivas subcategorias. No início de cada categoria, encontra-se uma descrição e em seguida aparece um quadro, no qual estão organizados os dados coletados, contendo na parte superior, a data em que foi realizada a entrevista acompanhada da letra inicial dos sujeitos, evitando assim, o reconhecimento dos mesmos, sendo P, pergunta, tendo abaixo, a resposta do sujeito (letra inicial do seu nome ou G, referindo-se a grupo). Exemplo:

12/04 - C P: C:

É importante esclarecer que, separando as entrevistas por datas, foi possível perceber a trajetória percorrida por alguns alunos, pois foram quatro meses de observação, com vinte e quatro horas mensais, um período bastante significativo, buscando garantir uma maior veracidade.

Em algumas análises é possível encontrar a fala da professora fazendo um cruzamento entre os dados para melhor analisá-los.

Segue-se a descrição detalhadas das Categorias e das subcategorias, com exemplos de dados que as compõem.

7.1 Características Pessoais da Professora

Nesta categoria foram incluídas todas as verbalizações que dizem respeito à maneira de ser da professora. Os alunos ao serem interrogados, em relação às características pessoais da professora, emitiram falas significativas.

As falas foram evidenciadas, nesta categoria, a partir dos sentidos que estas trazem para cada aluno e este sentido, para Oliveira, “(...) refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo” (2000, p.50).

As subcategorias a seguir diferenciam-se em função dos conteúdos verbais dos alunos, evidenciando a postura da professora em relação a eles.

Afetividade

Esta subcategoria engloba as verbalizações dos alunos em relação ao caráter da professora. A intenção ao realizar as entrevistas era identificar, o que os alunos pensavam a respeito da professora. As verbalizações foram coletadas no decorrer das entrevistas e trazem falas que apontam como positiva a postura da professora diante dos alunos, como podemos ver a seguir.

12/04 – C

P: Agora diz para mim, o que mais chama atenção na R para você?

C: Ah! Que ela é gentil. Ela não grita, ela é carinhosa. Ela explica as coisas direitinho.

(Anexo 2)

Em sua fala, C afirma que a professora R trata bem seus alunos, não só através da forma dela ser, mas também pela forma de trabalhar. Esta fala também é confirmada pelo aluno F1, que verbaliza a preocupação da professora com seus alunos.

06/06 – F1

P: O que mais chama atenção na R?

F1: Ah!...É que ela se preocupa com tudo, né? Se preocupa até com a postura do aluno, ela vive falando “postura acadêmica”, “para de conversar”, “arruma a cadeira”, “olha as bolsas jogadas no chão”. (Anexo 2)

Esta fala, com as observações em sala de aula, pôde ser confirmada. A professora R estava sempre chamando a atenção dos alunos para a postura correta de se sentar, mostrando-se preocupada, dizendo-lhes termos como “postura acadêmica” e explicando a necessidade de sentarem na cadeira de forma ereta, para não prejudicarem suas colunas. Também trazia uma preocupação com as bolsas espalhadas no chão, falando de sua preocupação em não querer que ninguém caísse por ter tropeçado nas bolsas. Essas atitudes da professora chamavam a atenção dos alunos e os faziam perceber que ela se importava com eles. Em um outro momento foi possível identificar nas falas dos alunos que a professora era bastante alegre e aberta ao diálogo.

12/06 - Grupo

P: Vamos lá. Eu queria saber se vocês gostam da professora de Português.

F1: Sim, porque ela ensina bem, ela é divertida, ela tem bom senso de humor, ela aceita sugestões, ela conversa bastante, dá bastante lição oral, lições diferentes, etc.

Mc: Eu gosto, porque ela explica bem, ela tem... o jeito dela falar, só que às vezes ela é muito exigente, mas tá bom, ela é uma ótima professora.

A1: Ela é divertida. (Anexo 2)

Estes três alunos apontam aspectos positivos da conduta da professora. Suas aulas eram quase sempre muito divertidas, dinâmicas e instigantes. No dia em que esta entrevista foi realizada, por ser comemorado o dia dos namorados, a professora permitiu que vários alunos lessem textos que eles haviam trazido para a aula. A1, por exemplo, trouxe um texto que falava sobre o beijo; a professora leu este texto para a sala toda, os alunos se divertiram muito, tanto que durante a entrevista eles se referiram em suas falas.

A professora valorizava a participação dos alunos e também o que eles traziam para suas aulas, pois como ela mesma afirma:

(...) acho que essa participação é muito importante também e gosto mesmo de aluno que participa e você assistindo às minhas aulas, sabe que eu deixo que eles falem mesmo, que eles exponham as suas dúvidas que eles contem uma história diferente, que eles tragam textos que acharem interessantes, acho muito importante no crescimento deles (professora R – Anexo 13).

É possível afirmar que os alunos reconheceram que a professora apresentou uma conduta afetiva positiva para com eles; as verbalizações da aluna M.F. também podem demonstrar isto.

13/06 – M.F.

P: Você gosta da sua professora?

MF: É a melhor professora.

P: Por que você acha isso?

MF: Ah!...Porque ela explica bem, ela é legal, ela é amorosa. (Anexo 2)

M.F., ao chamar a professora R de amorosa, revela que suas relações com os alunos eram positivas, o que permitiu com que a aluna classificasse a professora como a

melhor professora. Em uma outra entrevista realizada em grupo, os alunos também demonstraram que construíram um vínculo afetivo positivo com a professora.

26/06 - Grupo

M.R.: Eu acho a R uma pessoa simpática, né? E agora a gente sabe que ela vai embora, a gente fica chateada, porque a gente acostumou com ela. É uma pessoa legal!

M.F: Ah!.. Eu entendo que ela tem que ir, porque a A (professora que estava de licença) vai voltar, só que eu não quero, por que ela é muito legal e a A a gente nem conhece direito e a R a gente conheceu, né? Esse ano. (Anexo 2)

As verbalizações das alunas, colocaram em evidência o vínculo construído com a professora e afirmaram a preocupação deste vínculo ser desfeito, pois a professora A que estava de licença maternidade voltaria para assumir a sala após as férias de julho, o que estas alunas não queriam.

Justificativa

Esta subcategoria apresenta as falas dos alunos que justificavam a postura da professora diante de determinadas situações vivenciadas por eles em sala de aula. São verbalizações que permitem perceber que os alunos defendiam a professora, quando esta tomava atitudes mais rígidas com determinados alunos.

24/05 – Mg

P: A (professora) R grita?

Mg: Não!... (pausa) Eu acho assim, ela não grita, ela fala alto. (Anexo 3)

29/05 – Grupo

C: Que nem, o E tava falando que ela é chata, mas também tem horas que ela tem que ser chata e também tem horas que ela tem que ser legal!

P: E ela briga muito?

F1: Não, ela briga quando precisa, né? Ela briga quando é preciso, não quando briga à-toa, só por perseguição do aluno.

P: Ahn!...A professora grita?

F1: Ela grita só quando necessário, porque a classe também bagunça bastante, aí ela tem que acabar gritando.

P: Ela é brava?

F1: Ela é...quando ela fica nervosa, ela é brava.

P: Geralmente, por que ela fica nervosa?

F1: Ah!... Porque a classe fica bagunçando muito, conversando no meio da explicação, com isso toda a professora fica brava. (Anexo 3)

Os alunos Mg, C, e Fl, justificaram e apoiaram o comportamento da professora nos momentos de explicação. Alegaram que alguns alunos, como o E, L.F, T e Dn conversavam bastante, o que atrapalhava a concentração da sala diante das explicações. Era nesse momento, geralmente, que a professora aparentava ter uma atitude um pouco mais rígida do que o seu normal, sendo que, nestas oportunidades, tinha o apoio dos alunos.

No dia em que esta entrevista grupal foi realizada, no decorrer da aula antes da entrevista, a professora havia dividido a sala em seis grupos para ser confeccionada a capa de um livro que os alunos estavam elaborando. Este trabalho tinha como base a leitura que eles estavam fazendo do livro “O diário ao contrário”, de Sônia Barros.

Participaram do sexto grupo, os alunos E, V, Lu e Mg. Assim que os grupos começaram a trabalhar, este grupo iniciou uma discussão: os alunos começaram a brigar por não concordarem com o tema da capa. A professora se aproximou e procurou intervir, explicando aos alunos a importância do trabalho em grupo. Mesmo depois de ter conversado com eles, ela precisou ficar chamando a atenção deles até o final da aula, pois, além da discussão, Lu e E começaram a brincar no decorrer da tarefa.

Foi possível perceber que essas situações vivenciadas pelos alunos, antes das entrevistas, determinaram suas falas; através delas eles demonstraram que compreendiam determinadas atitudes da professora.

Parcialidade

Esta subcategoria foi criada a partir de uma atividade específica - correção dos exercícios da apostila. Todas as vezes que a professora começava a correção da apostila, ela solicitava aos alunos que levantassem a mão para responderem aos exercícios. Devido a esta forma de correção, alguns alunos se sentiam preteridos por outros. Pode-se perceber a insatisfação, através de algumas verbalizações a seguir transcritas:

29/05 - Grupo

V: Professora... Eu acho ela mais ou menos, porque às vezes ela... Às vezes ela nem escuta a gente. A gente fica, professora, professora, dez mil anos com a mão levantada, aí vem um lá, bem depois que a gente levantou a mão, aí ela ...aí ela chama o outro que bem depois levantou a mão. E eu, professora, professora...Aí depois ela fica falando que eu sou impaciente.

Mg: Eu acho mancada da professora R... assim, a gente tá um milênio com a mão levantada, aí um outro levanta a mão há um dia e ela chama csse que levantou a mão há um dia. (Anexo 4)

Com estas verbalizações é possível destacar que tanto V quanto Mg se incomodavam pelo fato de não serem chamados pela professora, no momento em que eles queriam. A partir das observações em sala de aula, foi possível perceber que a professora apresentava uma certa preferência em relação a alguns alunos, principalmente com os mais dedicados e estudiosos, o que os próprios alunos verbalizavam nas entrevistas. Pelo que pude verificar, acredito que esta preferência não era ostensiva, mas incomodava alguns alunos.

Ao chamar o aluno para dar sua resposta, ela, em nenhum momento, mostrou preferir um a outro, já que percebi que era muito difícil saber quem havia levantado a mão primeiro. Em um outro momento, a professora, a pedido dos alunos e para tentar não fazer escolhas parciais, começou a chamar os alunos pelo número de chamada deles, o que também não deu certo, pois alguns alunos alegaram que ela sabia os números de cor e por isso acabava, na concepção deles, escolhendo os que ela preferia.

A intenção da professora parecia não ser essa, o que pode ser confirmado com suas próprias palavras - *“Olha! Em relação aos alunos, eles são muito afetivos para comigo, são bastante afetivos, gosto muito dos meus alunos, creio que não faço acepção (inserir nota de rodapé) de alunos, creio que trato todos igualmente (...)”* (professora R – Anexo 13).

Em uma das entrevistas, também realizada em grupo, M.E. mostrou-se bastante relutante ao responder a pergunta que fiz ao grupo para verificar se eles gostavam da professora. Já a aluna Al, também aponta em sua fala que a professora era seletiva.

12/06 – Grupo

M.E: Tem certeza? Eu sinto...Sei lá, eu não tenho nada a favor, nada contra, tipo assim, às vezes ela é legal, mas sei lá...agora ela está bem mais legal do que antes, ela puxa meio o saco da L, é isso.

Al: Eu acho a R legal, ela explica bem a matéria, mas puxa muito o saco da mocinha L. (Anexo 4)

A partir destas falas, ficou claro que alguns poucos alunos buscavam a atenção da professora e se sentiam rejeitados por ela. A aluna Al se incomodou tanto com esta questão que a professora me contou que, na última reunião de pais, a mãe desta aluna havia dito para R que ela fazia diferença entre os alunos, pois sua filha havia lhe

contado. R não gostou da atitude desta aluna, porém, na semana que se seguiu à reunião, ela mudou seu comportamento, ou seja, começou a dar atenção redobrada para esta aluna, olhando mais o seu caderno e chamando-a sempre para participar.

Com M.E., a professora fez o mesmo, pois como a aluna não estava apresentando um bom desempenho na disciplina, a professora, após a reunião de pais, tendo havido o pedido da mãe desta aluna, passou a ficar mais próxima da aluna, não só corrigindo seus cadernos e tarefas, mas também elogiando seu esforço em querer melhorar, o que pude verificar nas observações. A partir da intervenção da professora, o rendimento destas duas alunas melhorou muito, o que é possível verificar, não só pela fala da aluna Al, mas também pelas notas das provas.

28/06 - Grupo

P: Mas, porque vocês acham que vocês foram bem na (última) prova?

Al: Eu comecei a melhorar em Português, porque assim, eu sempre fui mal em Português, eu nunca gostei de Português e nessas provas da R eu sempre tiro C e teve um dia que a R me chamou pra falar, ela falou pra eu estudar mais pra melhorar a matéria, então assim, na prova dela um dia antes eu me matei de estudar, pra ir bem nessa prova. (Anexo 7)

As alunas Al e M.E tiveram um maior rendimento entre a segunda e terceira provas de Português; apresentaram, principalmente M.E, um significativo aumento em suas notas. A segunda prova de Português valia 4.5. Al tirou 2.7 e M.E tirou 1.8. A terceira valia 3.0. Al tirou 2.8 e M.E 3.0. Portanto, ambas apresentaram um melhor desempenho a partir da intervenção da professora.

Aspectos Negativos

Os dados demonstram que os aspectos afetivos negativos da conduta da professora R, ressaltados nas falas dos alunos, e apresentados nesta subcategoria, são mínimos, o que é possível confirmar com as falas obtidas através de duas entrevistas realizadas em grupo.

29/05 – Grupo

P: Vocês gostam da professora de Português?

G: Sim

E: Não. (só E responde não).

P: Por que?

E: Ah! Acho ela muito chata.

P: Mas, por que ela é chata?

E: Ah! Porque ela é chata e muito brava.

Mg. Tem que ter um motivo E.

E: Pronto, muito brava. (Anexo 5)

Apenas E a denominou de “chata”, alegando que a professora era muito brava, sem, no entanto justificar sua opinião. E apresentava um comportamento diferenciado na sala de aula, pelo que pude verificar, através das observações realizadas; ele era um aluno bastante disperso. No dia que a professora estava passando uma proposta em que cada aluno trocava sua redação com um outro colega para conferência, E ficava falando em voz alta: “a minha poesia está feia”; “eu não trouxe a folha de bloco”; “professora tô mascando chiclete, por que tô com dor de garganta”; “ô professora, tocou o sinal” (sendo que a aula estava se iniciando). E fez de tudo para chamar atenção, até alguns alunos acabaram se incomodando com seu comportamento, o que foi possível verificar através de minhas observações em sala de aula.

Devido ao comportamento do E, a professora R precisou chamar sua atenção constantemente, uma vez que ele estava sempre atrapalhando o andamento de suas aulas; era comum a professora fazer bilhetes para os pais, informando o que estava acontecendo. É necessário que se frise que o comportamento dele era o mesmo em outras disciplinas, ou seja, com outros professores chegou a cumprir um período de suspensão.

As falas a seguir, My, enfocam que a professora briga muito e não é sempre que ela é brava; já Mc afirma que a professora é muito exigente.

12/06 - Grupo

P: O que vocês não gostam que ela faça? O que é que vocês não gostam que a R faça?

My: Ah!...Ela briga muito.

Mc: Ela é muito exigente.

My: Depende, tem dia que ela tá brava, daí é ruim ter aula com ela. (Anexo 5)

Dos 27 alunos, estas foram as únicas falas que apontaram aspectos negativos da conduta da professora. Não foi possível analisá-las a partir de episódios de sala de aula, uma vez que as falas são decorrentes da entrevista realizada em grupo, tendo como objetivo saber o que os alunos não gostavam que a professora fizesse.

7.2 Práticas Pedagógicas

Esta categoria refere-se a todas as formas de intervenção que aconteceram na sala de aula durante as atividades pedagógicas, através da interação da professora com os alunos. Oliveira enfatiza que *“na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado”* (2000, p.62). O professor, portanto, tem um papel fundamental na aprendizagem de seus alunos, pois é ele quem irá intervir de forma direta nesta aprendizagem.

Apoio

Nesta subcategoria os dados encontrados, através das verbalizações dos alunos e das observações em sala de aula, revelaram que, a partir da intervenção da professora durante a realização de determinadas atividades, como a prova e a redação, os alunos se sentiram mais seguros e apoiados.

F explicitou que a intervenção da professora durante a prova permitiu com que o aluno melhorasse na sua resposta.

26/04 - F

P: Na avaliação de Português, eu vi que você chamou a professora, não é? O que ela fez quando você a chamou? Você estava com dúvida, o que ela fez?

F: Ah! No exercício n.º 1, eu falei assim: Ah! Tá certa esta resposta? Tá limpo, né? Ela falou, você precisa melhorar, aí o que eu fiz eu melhorei a resposta, sabe? Ela deu uma ajuda naquele exercício e naquele por exemplo... Eu não lembro que número era, mas o exercício era para fazer...se era substantivo composto, sabe? Tudo isso. Aí ela me explicou e eu fiz. só que ainda erreí porque esqueci um treco lá. (Anexo 6)

Na primeira prova, as crianças mostraram-se muito ansiosas. Depois que distribuiu as provas, ela leu as questões e disse que, quando tivessem dúvidas, apenas levantassem a mão e ela iria até a carteira atender. A cada chamado de aluno, ela se aproximava da carteira, perguntava qual a dúvida e procurava esclarecer de uma forma

que não desse a resposta, mas que fizesse com que eles lembrassem da sua explicação e chegassem à resposta correta.

Praticamente a sala toda a chamou, e ela atendeu a todos, mostrando-se solícita, atenciosa e prestativa. Foi possível perceber que a professora era afetiva, pois, ao se aproximar dos alunos, algumas vezes fazia carinho na cabeça.

Todos que levantavam as mãos eram atendidos; se o aluno tivesse acertado a questão, a professora falava: “Isso! Certinho!”, se tivesse errado, ela dizia: “Olha, presta atenção, é isso que eu estou pedindo?”.

Quando F a chamou na hora da prova, ela foi até sua carteira, conversou com ele, leu sua questão e como sua fala demonstra, auxiliou-o na resposta. F confirmou que a professora, através de sua intervenção, apoiou-o no momento em que ele estava realizando a atividade. Segundo o aluno A, a professora auxiliava na hora da prova, mas não dava respostas prontas; dava dicas.

10/05 – A

P: Você também chamou a professora na hora da prova. Quando você a chama, o que ela faz?

A: Ela assim, meio discreta, assim, dá umas dicas para tentar fazer o aluno lembrar do que ensinou na classe e aí, é assim mesmo.

P: Ah! Sei! Quer dizer que quando você está fazendo a prova, você a chama, se você não sabe, ela dá umas dicas e aí você consegue fazer os exercícios?

A: É, mas não é dica para fazer o exercício é lembrar do que ela ensinou.

P: E o que você acha disso?

A: Eu acho legal! Porque é bem um jeito de não dar resposta para ele e fazer ele lembrar. (Anexo 6)

Com a sua fala, A mostrou que, para auxiliar o aluno, a professora utilizava-se de estratégias, pois, através de exemplos, procurava fazer com que os alunos lembrassem das suas explicações, não fornecendo a eles respostas prontas e sim formas de reflexão que os levassem a lembrar de suas explicações; gerava um ambiente tranquilo para que seus alunos pudessem realizar a atividade com segurança e apoio.

Em relação à atividade de redação, a postura da professora, na hora da apresentação oral e individual dos alunos, permitia com que eles demonstrassem maior segurança, pois, além de permanecer ao lado do aluno que estava lendo sua redação, a

professora interagiu com ele na hora da apresentação, se fosse preciso. Fl demonstra através de sua fala.

06/06 – Fl

P: O que você pensou que a R achou do que você fez? E do comportamento da R em relação a essa atividade, o que você achou?

Fl: Ela acha muito as redações legais, porque a maioria são engraçadas, né? E normalmente ela fica do meu lado lendo junto comigo e assim ela lê, caso eu me embarace na minha letra, que isso acontece bastante, porque eu fico nervoso quando eu vou ler. Ela, às vezes, me...ela, às vezes, entende minha letra e me fala, né? Aí dá pra mim ler de novo e assim ela lendo caso eu tenha falado errado alguma palavra, ela entende e também entende o que eu estou falando, assim já dá pra ter uma reação melhor da redação. (Anexo 6)

Esta postura da professora na hora da apresentação da redação foi valorizada pelos próprios alunos, que apresentaram em suas falas a importância dessa atitude de apoio da professora, a qual foi explicitada nas verbalizações da entrevista de grupo a seguir.

26/06 – Grupo

P: Quando vocês vão ler a redação lá na frente, a R está sempre do lado de quem está lendo. Eu queria que vocês me falassem o que é que vocês acham disso? Por que vocês acham que ela fica do lado?

M.F.: Ah!...Eu acho importante porque de repente o aluno não está conseguindo ler direito, ela vai lá, vê o caderno, aí ela fala pra ele o que está escrito, né? Por que, às vezes não entende a própria letra e também quando o aluno tá lendo baixo, ela pega o caderno e lê mais alto para o outros.

Al: Às vezes, também ela pega o caderno e faz uma correção. Eu estava lendo lá na frente, e ela pediu uma caneta e ela fez a correção, aí depois, que eu li.

P: O que você acha disso?

Al: Eu acho importante, porque ela vê o nosso caderno como que a gente está fazendo as coisas também.

Am: Ah!...Eu acho importante, porque assim, ela fica do lado e o aluno às vezes, tem vergonha, aí ela dá um apoio, um incentivo.

V: Eu acho legal, ela ficar do lado, porque o aluno fica mais seguro, ele fica bem mais seguro, porque a maioria das vezes quando o aluno vai ler ele precisa do apoio da professora ficar do lado dele para ele ler com segurança. (Anexo 6)

O envolvimento da professora com os alunos durante esta atividade era muito intenso, pois era uma atividade da qual todos participavam e tinham o apoio da

professora; mesmo aqueles que tinham vergonha de ler, solicitavam à professora que lesse no lugar deles; desta forma todos participavam.

Quando um aluno estava lendo em voz baixa, a professora intervinha, pedindo a ele que lesse mais alto; se havia alguma palavra errada, ela corrigia de forma que não o constrangesse. A interação da professora acontecia o tempo todo e quando o aluno terminava sua leitura recebia sempre um elogio de sua parte.

Atenção

Nesta subcategoria incluem-se os eventos nos quais a atenção da professora, realizada através de suas ações, são expressas nas falas dos alunos. Essa postura da professora, identificada durante as interações, atribui às relações um caráter amigável e atencioso, contribuindo para construção de um vínculo afetivo positivo entre a professora e os alunos.

É possível perceber na fala do aluno Lu, que a intervenção da professora foi muito positiva.

10/05 – Lu

P: Quando um aluno não está indo bem na disciplina de Português, o que a professora faz?

Lu: Ah! Ela dá mais atenção para esse aluno, para ele ficar melhor, assim, melhorar.

P: O que você acha disso?

Lu: Ah! Eu acho muito legal! Por causa que tem professor que você pergunta e ele deixa pra lá, tudo. Ele só vai nos alunos que não tem dificuldade.

P: Eu percebi que no começo do ano, você quase não participava, não fazia lição, estava sempre muito distraído. E agora, não, não é? Você está participando, faz a lição. O que você acha que aconteceu com você? Ou por que você mudou?

Lu: Por causa, que eu sei como é ficar de recuperação, né? Por que eu fiquei na 4ª série, é muito ruim, daí você tem que ficar nas férias, enquanto seus amigos estão brincando, você está estudando.

P: E a R teve alguma participação nisso? Ela ajudou a perceber isso? Ela fez alguma coisa?

Lu: Ela ajudou, ela deu mais atenção, assim, quando eu precisava, ela dava mais atenção. (Anexo 7)

Lu, no início da pesquisa, era um dos alunos que pouco participavam das aulas; mostrava-se muito tímido para se dirigir à professora, porém, em relação aos colegas de

classe, não; estava sempre conversando e brincando durante as aulas; embora tímido com a professora e extrovertido com os colegas, dificilmente fazia as lições de casa, o que acabava sendo motivo para estar sempre levando bilhetes aos pais em sua agenda.

A professora, diante de sua atitude, começou a se aproximar mais do menino, procurando sempre ver se seus cadernos estavam completos e se suas lições estavam em dia. Cobrava dele mais atenção e participação.

Lu tinha muita dificuldade para realizar as atividades e a professora, ao ver sua dificuldade, passou a dar mais atenção e a elogiar seu esforço para melhorar. Diante de sua postura atenciosa, o aluno Lu mudou seu comportamento, passou a fazer as atividades tanto em sala quanto em casa; começou a participar dos exercícios em sala de aula, sendo que no final do semestre, já era um dos primeiros a terminar determinadas atividades, sempre recebendo em troca, elogios e incentivos da professora; seu rendimento melhorou bastante o que pode ser também comprovado através de suas notas.

A melhora atingida pelo aluno foi fruto do trabalho de interação da professora com o aluno Lu e também com outros alunos como Mg.

24/05 – Mg

P: Quando o aluno não está indo bem na disciplina de Português o que a R (professora) faz?

Mg: Ah! Ela dá umas dicas, por exemplo, eu fiquei de recuperação de Português, aí ela falou, naquelas fichas que eles dão de sugestões, ela falou é e...não é comportamento que falta é atenção, ter mais atenção nas aulas e que a minha conversa, não é assim conversa de atrapalhar professor é conversa que não atrapalha eles, mas, me atrapalha no meu estudo. (Anexo 7)

Mg através de sua fala comprovou que a professora era uma educadora preocupada com a melhora de seu aluno, tanto que procurou, através de uma ficha de sugestão, auxiliá-lo para que ele pudesse entender no que precisava se melhorar. Essa atitude da professora demonstrou sua preocupação em querer ajudar seus alunos. Fl também emitiu falas significativas a respeito da postura atenciosa da professora R em relação aos alunos.

06/06 – F1

P: Quando o aluno não está indo bem na disciplina de Português, o que ela faz?

F1: Ela primeiro, quando ela está explicando, ela pergunta se alguém entendeu e se alguém levantar a mão ela explica de novo e se ainda não entendeu, ela usa exemplos.

P: Hum!...O que você acha disso?

F1: Eu acho uma experiência muito interessante, porque poucos professores são assim, né? Tem aqueles professores que vai lá, passa tudo na lousa, nem dá bom dia, depois só dá uma explicação, se o cara não entende, ele fala: “oh! Mas é obvio isso, não sei porque você não está entendendo”. ao invés de explicar de novo. (Anexo 7)

F1 comparou a postura da professora com a de outros professores, identificando sua atitude como diferente e reforçando suas interações como positivas. Isto permite afirmar que esta professora tinha uma forma diferenciada de trabalhar, aprovada pelos alunos. As verbalizações de Am também confirmaram estas afirmações.

28/06 - Grupo

Am: Ah!...Eu acho assim, que ela explica muito bem a matéria, ela tira muito bem as dúvidas, voltando ao M.V., (professor de outra disciplina, que aplicou a última prova de Português e que por isso acabou sendo questionado na entrevista pelos alunos) se a gente pergunta alguma coisa assim, que ele acabou de explicar que a gente não entendeu direito, ele tira sarro da nossa cara. “Aí você... eu acabei de explicar você não presta atenção!” E a R não, ela entende, ela fala... “Ah!”...Explica de novo, que nem aquele dia o V não estava entendendo e perguntava, perguntava e ela explicava, ele não estava conseguindo entender, ela não falou assim, “V, você não entende direito, eu acabei de explicar você não presta atenção”, não ela falou assim, ela começou a explicar até a hora que ele entendeu. (Anexo 7)

A fala de Am demonstrou que a professora, além de haver estabelecido um vínculo positivo com os alunos, também tinha atitudes de respeito para com eles, procurando sempre dar mais atenção para o aluno que se mostrava em dificuldades. É possível afirmar que os alunos se ressentem quando o professor faz pouco caso deles, pois tanto F1 quanto Am compararam a professora R, que tinha postura atenciosa, com outros professores que não apresentaram este tipo de postura.

Atividades Julgadas Positivas

A atividade de redação era a preferida dos alunos: as falas desta subcategoria demonstram isto. Foram várias as redações observadas, já que todas as quintas-feiras havia duas aulas de redação. Para melhor analisar, foi destacado, através das

verbalizações, o que era comum em todas as redações. Nesta subcategoria também há falas de alunos julgando como positiva a atividade de avaliação.

A professora, após passar a proposta de redação na lousa e explicar como esta deveria ser feita, solicitava aos alunos que fossem na frente da sala ler o que haviam produzido.

Foram muitas as falas apontando como positiva a atividade de redação. Diante das observações em sala de aula também foi possível verificar que os alunos construíram um vínculo positivo com essa atividade, pois era a mais participativa. Não foi encontrada nenhuma fala classificando esta atividade como negativa e sim várias falas julgando-a como positiva e ainda explicando os motivos.

26/04 – V

P: E redação?

V: Redação eu gosto.

P: Por que você gosta de fazer redação?

V: Ah! Porque você aprende mais coisas. Com a redação você aprende o erro de português, depois você vê o que você errou. Aí, você já sabe com a palavra é. Eu gosto de escrever também por causa da imaginação das pessoas. Cada um tem sua imaginação. Aí, eu escrevo. (Anexo 8)

V não só afirmou que gosta de fazer redação, mas também ressaltou o quanto é importante para sua aprendizagem.

As falas a seguir confirmaram que a atividade de redação era uma atividade prazerosa, pois ao perguntar para os alunos o que a professora fazia que produzia maior satisfação para a classe, eles unanimemente responderam que era quando ensinava redação.

29/05 - Grupo

P: Diz para mim o que a professora faz, na sala de aula, que produz satisfação para vocês, para o grupo todo? O que vocês gostam que ela faça, que produz satisfação pro grupo?

L: Aula de redação e aula de literatura.

P: O que vocês gostam, que dá prazer, que dá vontade de fazer.

F: Aula de redação e aula de leitura, eu acho muito legal!

E: O que eu mais gosto é... redação, né!

Lu: Eu gosto bastante da aula de redação, por causa que nós treina mais a escrita, né?

A: Aula de redação, que trabalha bastante com a imaginação e a aula de leitura que complementa.

D: Aula de redação...que eu gosto de fazer. Assim...redação, de eu inventar um texto, eu inventar um texto de redação.

N: Também acho a aula de redação, por que a gente fica mais solto e também eu gosto de fazer bastante redação. (Anexo 8)

Todas estas falas apontaram que os alunos sentiam prazer em realizar a atividade de redação; isso se deve à maneira como a professora desenvolvia esta atividade, dando liberdade para os alunos serem autores de seus próprios textos. Ao perguntar à professora o por que de seus alunos gostarem tanto de redação, R respondeu-me:

Eles gostam de redação, porque eles ficam livres para a criatividade e muitas vezes o professor inibe a criatividade do aluno e a redação você deixa livre, você propõe o tema, você explica as técnicas, mas a escrita é deles e eu quero que meus alunos se sintam sujeitos do texto deles, coisa que nós não sentimos, pelo menos eu, na minha fase eu não sentia, eu sujeito do meu texto, eu tenho que sentir sujeito, tenho que me sentir sujeito do meu texto, eu estou escrevendo esse texto, então a partir do momento que você dá...que você deixa a criatividade do aluno fluir, ele trabalha melhor e ele gosta mais com certeza (professora R – Anexo 13).

Com sua fala, R confirmou que dava liberdade para que seus alunos produzissem textos utilizando a criatividade, sendo que suas propostas para as atividades de redação eram sempre muito criativas e interessantes, o que Fl confirmou com sua fala.

06/06 – F

P: E o que a professora faz que você mais gosta?

Fl: O que a professora faz? Ahn...bom, quando ela dá alguma redação. Assim, os assuntos que ela dá é muito interessante, não é aquele assunto repetido, é sempre um assunto diferente do outro, assim a gente obtêm um conhecimento muito variado.

P: Ah!...Então, está bom...e qual a atividade que ela dá que você mais gosta de fazer?

Fl: Redação.

P: Redação?

Fl: É...porque ela não dá coisa... os exercícios pra você fazer, ela dá um assunto e você tem que usar a sua criatividade e isso é interessante. (Anexo 8)

O aluno ressaltou em suas falas que achava importante esta atividade, mesmo porque, além dele sentir prazer em realizá-la, mostrou que, a partir do momento que ele produzia os textos, adquiria mais conhecimentos e, em consequência, uma aprendizagem significativa, sendo a professora a mediadora deste conhecimento.

A forma de trabalhar da professora R fazia com que os alunos avaliassem como positivos até mesmo os momentos em que eles eram avaliados através das provas. Este fato é resultante de sua maneira de intervir nas atividades que os alunos estavam realizando, fazendo com que eles tivessem prazer em aprender.

06/06 - F1

P: Você gosta de fazer avaliação de Português?

F1: Gosto!

P: Por que?

F1: Por que além de você estudar, que estudar é interessante, porque é capaz que você não tenha entendido alguma coisa e tenha esquecido de perguntar pra professora e quando você estuda, você percebe e procura aumentar o conhecimento e nas provas você vai...é legal, porque você vai lá todo nervoso com entusiasmo de fazer a prova e você fica nervoso, mas quando você vai ver as perguntas são balanceadas e dá pra você fazer isso com calma, aí, isso é legal! Porque é um alívio, né? (Anexo 8)

F1 confirmou sua fala em uma entrevista realizada posteriormente, (conforme quadro abaixo), em grupo, na qual, também a aluna A1 verbalizou achar legal fazer a prova, já que quando o aluno realiza esta atividade ele pode ver até onde está aprendendo.

12/06 - Grupo

F1: Ah!...Eu gosto, porque pra quem estuda, né? Pra quem é esperto, é praticamente nota grade (nota de média) assim, porque a gente tenta repor o que a gente aprende, ganhando nota sem ficar de recuperação e mais quando a prova é difícil, aí...(risos) então, né? Não, é que eu raspei o dente.

A1: Eu acho legal, conforme você rever a matéria e ver se você entendeu a matéria bem. (Anexo 8)

Acredito ser interessante apresentar a fala da aluna Am, comparando a prova de Português sendo aplicada pelo professor M.V. de outra disciplina.

28/06 – Grupo

Am: Ah!...Eu acho ruim porque assim, o professor M.V, ainda mais ele, ele humilha muito a gente, ele fala assim: “não estudou na véspera da prova, tem que estudar, prova não é pra se tirar à dúvida”, só que se você tem uma dúvida instantânea, você estudou, estudou tirou aquela dúvida, só que de repente assim você não lembra do negócio, dá um branco, daí ele fala assim: “não estudou na véspera da prova, eu falo vocês tem aprender muito, vocês não sabem”, ele humilha muito a gente.

P: E a R?

Am: A R tira as nossas dúvidas, ela deixa tudo esclarecido, se a gente pergunta no meio da prova ela não fala assim: “não estudou na véspera da prova”, ela é melhor. (Anexo 8)

Com a fala desta aluna foi possível perceber que, até durante a atividade de prova, a professora apresentava um comportamento diferenciado, aprovado pelos alunos. Os alunos que apontaram as avaliações como negativas, o que será mostrada na próxima subcategoria, justificaram esta fala devido aos sentimentos que esta atividade despertou neles e não pela postura da professora diante desta atividade.

Atividades Julgadas Negativas.

Esta categoria refere-se às falas que apresentaram aspectos negativos das atividades vivenciadas pelos alunos. As atividades julgadas como negativas foram duas: a prova e a apostila.

A aluna C, ao ser interrogada sobre qual atividade ela não gostava de fazer, respondeu que era a atividade da apostila, justificando que não gostava de escrever. Acredito não ser este o motivo, já que logo em seguida a aluna C afirmou que gostava de redação e redação é na verdade uma produção de texto, na qual o aluno necessariamente precisa escrever. Isto me leva a questionar se o verdadeiro motivo da aluna não gostar desta atividade não está relacionado à própria atividade ou mesmo à forma como esta era desenvolvida pela professora.

17/04 – C

P: É o que você não gosta?

C: A apostila. (riso)

P: Por que você não gosta da apostila?

C: Ah! Por que assim... Às vezes é meio enjoativo ficar escrevendo, por que às vezes não dá vontade, aí eu gosto da aula de redação. (Anexo 9)

Em uma outra entrevista em grupo, cinco alunos, incluindo a aluna C, apontaram a atividade da apostila como a menos apreciada.

29/05 – Grupo

P: E o que vocês não gostam que a professora faça?

C: Eu não gosto quando a gente trabalha na apostila.

D: Correção da apostila.

A: Ah! A apostila, as perguntas de interpretação de texto.

E: Ah! Eu não gosto quando tá na hora de ir na apostila é muito chato.

V: Correção da apostila, porque às vezes você erra a pergunta, aí é para você corrigir aí não dá porque ela passa pra frente, aí a gente não pode pegar de outros alunos, né?

L: Então, aí na apostila a correção é chato, sabe? Também exercício na apostila é chato, todas as apostilas são legais, só a de Português é entediante, não tem nada, sei lá! (risos) Aí eu acho que ela podia trabalhar de uma forma, sei lá! De uma forma mais agitada, deixar a gente trocar idéia. (Anexo 9)

Esta questão levou-me a perguntar à professora por que desta atividade era realizada, já que a maioria das crianças não gostava de fazer. Sua justificativa para esta atividade foi:

Primeiro, porque a apostila ela...eu trabalho os exercícios da apostila, né? Não me prendo totalmente, mas alguns exercícios, nós tiramos...nós utilizamos a apostila porque também é uma ordem do estabelecimento de utilizar a apostila, mas eu não me prendo a ela, não é? Mas, infelizmente, alguns eu tenho que trabalhar dentro dela, né? Os pais pagaram, então ela tem que ser utilizada, né? Isso é uma cobrança, infelizmente (professora R, Anexo 13.)

Com a fala da professora foi possível perceber que ela também não gostava de trabalhar a apostila, tanto que afirmou que, infelizmente, ela tinha que ser utilizada, o que pode me levar a supor que, tanto a professora quanto os alunos, não construíram um bom vínculo com essa atividade. Esta questão me sugere que o fato da professora não sentir prazer em aplicar esta atividade também pode gerar estes sentimentos nos seus alunos. O que me levou a refletir sobre esta questão foi a fala da aluna L, quando esta afirmou que todas as apostilas eram legais e somente a apostila de Português era entediante.

Em relação à atividade de prova, vários alunos, como M.F., Am, Vn., M.E., Y, B, My, a julgaram como negativa pelo fato dela despertar sentimentos, como nervosismo, tensão, medo, etc.

12/06 – Grupo

P: Vocês gostam de fazer prova?

Vn: Odeio!

M.F: Ah! Depende da prova, se tiver muito difícil eu não gosto, aí se...

Am: Ah!...Assim, se eu estudar bastante, se eu souber que eu sei, eu fico tranqüila, tem vezes que é assim, eu fico muito nervosa, aí eu não gosto, me deixa muito tensa.

Vn: Odeio, eu fico totalmente trêmula na prova, assim tem vezes que eu estudo assim a matéria, mas tem vezes que eu fico muito nervosa, daí eu fico trêmula, aí tem vezes que a maioria das...aí por causa disso eu erro muita coisa, principalmente coisa de Português, coisa de verbo assim, essas coisas de adjetivo, substantivo, às vezes não entra muito bem na minha cabeça, daí eu fico nervosa.

M.E.: Eu não gosto, porque eu fico histérica, começo a estudar, estudar, estudar, estudar e quando eu estudo assim, não aprende muito, porque eu acho que a gente fica muito histérica, daí na hora dá branco.

Y: Eu não gosto, porque eu fico muito nervosa, fico com medo.

B: Eu não gosto, porque eu fico nervosa.

My: Eu não gosto, eu fico muito nervosa. (Anexo 9)

O sentimento gerado pela própria concepção do que é uma prova, ou seja, um momento de avaliação daquilo que o aluno aprendeu, que tem nota, que traz uma imagem negativa construída socialmente, talvez seja o que desperta nos alunos sentimentos também negativos em relação à própria atividade em si e não em relação à postura da professora no momento em que esta atividade é vivenciada.

Instrução

Nesta subcategoria as verbalizações tinham por finalidade esclarecer como a professora introduzia um conteúdo ou uma atividade nova, julgados como positivos pelos alunos.

Foram muitas as falas desta subcategoria, pois a maioria dos alunos ressaltou como positiva a didática da professora. L classificou, tanto a matéria de Português como a forma da professora trabalhar, como legal.

10/04 – L

L: Ela ensina bem, a matéria dela legal! É boa, eu gosto da matéria dela, que ela dá. Da forma de trabalhar, também é legal! (Anexo 10)

Foram várias as verbalizações apontando como positiva a didática da professora; a forma como a professora explicava a matéria para os alunos foi muito valorizada em suas falas. D trouxe mais um aspecto positivo em sua fala, quando afirma que a aula da professora R era gostosa, e que sentia prazer em participar dela.

25/04 – Débora

P: O que você mais gosta nela?

D: Ah! Ela explica bem, né? Ela não dá alguma tarefa e num explica e já dá para outro dia, assim, difícil. Ela dá tarefa fácil, ela explica bem!

D: Ah! Sempre a aula dela é sempre muito gostosa, porque ela, a classe toda fica prestando atenção nela, às vezes, não tem muita conversa assim paralela. (Anexo

O aluno Lu ao ser indagado se gostava da professora, ressaltou que gostava, mas não só pela sua pessoa, mas também pela sua forma de trabalhar, já que suas aulas eram divertidas e, ao surgir dúvidas, a professora sempre as esclarecia.

10/05 – Lu

P: Você gosta da professora R?

Lu: Ah! Eu gosto, porque ela explica muito bem as coisas, ela, quando você tem dúvida, ela responde, ela não é aquela professora brava.

P: Você gosta de fazer o que a professora pede?

Lu: Gosto! Por causa que as coisas que ela pede são divertidas, né? (Anexo 10)

Fl endossou o que Lu verbalizou ao descrever que a professora, além de ser simpática, era também receptiva, pois quando um aluno a solicitava, ela estava sempre pronta para auxiliá-lo com dedicação.

06/06 - Fl

P: Hum!...Fala um pouquinho pra mim do jeito que ela explica.

Fl: Não assim, ela não vai passando tudo na lousa, quando ela explica ela dá uns exemplos, assim não exemplo normal assim do dia a dia, exemplos diferentes que com o tempo nós poderemos usá-los.

P: Hum!...Sei. O que assim você mais gosta nela?

Fl: O jeito de explicar né? E éee...que ela é muito simpática, ela não é aquelas professoras que quando vai explicar a pergunta parece que está brigando. (Anexo 10)

O estado de humor da professora foi avaliado pelos alunos como positivo, pois ao se reportar à dinâmica da professora em sala de aula, muitas vezes os alunos caracterizaram não só a professora de divertida, mas também suas aulas, o que me levou a concluir que eles aprovaram seu comportamento e sua didática.

12/06 – Grupo

Am: Ah!...Eu gosto, porque ela explica bem a matéria, ela tem...algumas vezes, ela faz brincadeiras.

Mc: Ah!...Ela explica bem e é divertida. (Anexo 10)

Os alunos apontaram como positivo o fato da professora ser alegre e divertida. Suas aulas eram muito gostosas o que pude constatar nas falas dos alunos e também nas observações realizadas em sala de aula. Sempre que era possível a professora R buscava trazer para as aulas materiais para-didáticos como poesias e histórias que pudessem exemplificar o conteúdo novo a ser aprendido, buscando com isso dar uma maior significação ao objeto de conhecimento.

Socialização

As verbalizações encontradas nesta subcategoria referem-se às posturas e falas julgadas positivas pelos alunos esclareciam que, durante a realização da atividade de redação, a professora permitia que os alunos ao lerem os textos por eles produzidos, trocassem informação entre eles, devido à forma como esta atividade era aplicada pela professora.

O aluno F1 verbalizou, com bastante entusiasmo, o fato de poder ler para os colegas de classe suas redações.

06/06 – F1

P: Depois que você termina a redação, a R pede pra você ler, não é?

F1: Hum!...Hum!

P: O que você acha disso?

F1: Ah!...Eu acho legal, né? Porque não dá pra você ficar vendo, não dá pra você ver, ah!...Eu acho legal, né? Não dá pra você ficar só pra si isso, você quer contar para os outros, como uma novidade, você quer contar para os outros, aí lendo toda a classe vê, toda a classe ri, né? Aí você se sente mais...como eu posso dizer, capaz.

P: E o que você acha disso?

F1: Ah!...Eu acho legal, porque compartilha a redação pra classe, né? Ele (o aluno) fala a redação pra classe e todos ficam vendo a criatividade que ele teve a dificuldade, se foi pouca, se foi bastante. (Anexo 11)

Este aluno avaliou como positiva a troca de informações que acontecia todas as vezes que a professora solicitava aos alunos que lessem suas redações. Em uma outra entrevista realizada em grupo, F1 confirma novamente seu prazer, não só em fazer esta atividade, mas também em contar o que escreveu para seus amigos.

12/06 – Grupo

F1: É que é da hora, porque assim a gente faz uma redação e quando a redação está legal, a gente acha que está legal, então, né? Aí, a gente fica doido, a gente não consegue guardar só pra gente, a gente fica doido pra contar para os outros e a professora dando essa oportunidade, assim a gente fica mais livre, né? Mais solto, né? (Anexo 11)

Foi possível confirmar que não só este aluno julgava positiva esta troca de informações, mas também seus colegas de classe como M.R. e A.C.

26/06 – Grupo

M.R.: Eu acho legal, porque os outros conhece a nossa história e a gente conhece a história dos outros.

A.C.: Eu acho interessante, por que aí você mostra o seu texto para os outros e você conhece o texto das outras pessoas e você não tem vergonha, você vai perdendo a vergonha. (Anexo 11)

Parece que, o momento em que os alunos iam à frente da sala para lerem o que haviam escrito era privilegiado, pois a classe inteira participava e prestava atenção. Normalmente as redações traziam conteúdos humorísticos, com os quais a classe e a professora divertiam-se muito. Era um momento em que a professora ficava muito próxima dos alunos e estes aguardavam ansiosos a vez de lerem suas redações.

É possível afirmar que a forma como a professora R desenvolvia a atividade de redação constituiu-se em uma boa estratégia pedagógica, pois, além das crianças gostarem desta atividade, o momento que o aluno estava apresentando sua produção de texto para a classe também era aproveitado por alunos que tinham dificuldades, como apoio para construção de seus próprios textos, como N ressaltou.

27/06 – Grupo

N: Eu acho que isso daí, eu acho que é bom, porque as pessoas que acharam que a redação delas não ficaram boas, elas pegam uma idéia dos outros, mas aí elas montam com a própria criatividade. (Anexo 11)

A sala de aula é um espaço privilegiado de aprendizagem e esta professora valorizava muito este espaço, o que pude observar e constatar também com sua fala,

(...) Eu tenho bastante alunos participativos, sempre os mesmos, mas eu acho isso muito importante, você tem que participar, eu dou...eu abro brecha para que meu aluno fale mesmo, na sala de aula, né? A língua é falada também, não é? Aquilo lá, não é só o professor que fala, só o professor que ensina, o meu aluno tem o que me ensinar e tem o que ensinar as outras crianças também (...)
(professora R – Anexo 13).

Essa professora mostrou ser uma educadora que valoriza o que seu aluno produz, não possuindo, portanto, uma concepção tradicional de educação, a qual vê seu aluno como um depositário de conhecimentos e o professor como um mero transmissor.

7.3 Relação Professor – aluno

Esta categoria não comporta subcategorias, pois as verbalizações dos alunos têm por finalidade esclarecer que os alunos valorizam a relação estabelecida entre professor(a) - aluno(a), quando esta está permeada de um vínculo positivo.

As falas dos alunos, especialmente as coletadas em grupo, além de terem sido em grande quantidade, trouxeram dados significativos para a análise das relações estabelecidas em sala de aula, especificamente a da professora com os alunos.

O espaço da sala de aula é um local privilegiado no qual acontecem múltiplas relações. O que os alunos falam a respeito desta questão é muito importante para a compreensão de como eles pensam esta relação, a qual, não podemos mais negar, é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Como Tassoni afirma, *“ter consciência de que a relação professor – aluno é permeada pela afetividade é urgente e necessário. A Educação pressupõe uma ação interativa, que envolve o outro em toda sua complexidade”* (2000, p.155).

Os alunos também vêem a importância dessa relação, como podemos confirmar através das falas que vêm a seguir.

12/06 – Grupo

P: Vocês acham que um bom relacionamento do professor com vocês influencia no que vocês estão fazendo?

M.F: Sim, porque o professor assim, se ele é seu amigo, né? Aí ele te ajuda mais, ele tira mais as suas dúvidas.

Am: Eu acho que sim, porque a gente tem uma relação mais assim, mais íntima com o professor, então ele se sente mais à vontade de explicar e a gente se sente mais à vontade de perguntar.

Vn: Eu acho que sim, porque o professor assim, tem que depender muito do jeito que ele educa, ele tem que também por uma segurança na criança, né? Para ela não ficar com medo assim de aprender e se ele ensina mal ou tira sarro mesmo, assim a criança pode até ficar com vergonha e não aprender nada e não pergunta fica com dúvida eu acho que é...precisa...

Mc: Ah!...Eu acho que sim se você for legal com o professor ele vai te dar mais atenção, ele vai te explicar melhor, você vai ter mais vontade de falar com ele quando você tiver dúvida, mas se você for chato com o professor ele vai ficar pegando no seu pé, você não vai querer fazer nada, você não vai perguntar para ele nada, você não vai querer tirar sua dúvida e vai ficar com dúvida na prova nos exercícios que ele dá. (Anexo 12)

Analisando estas falas, foi possível perceber a importância que os alunos dão para suas relações com o professor. Esses alunos apontam que se o professor é amigo e tem uma relação mais íntima com eles, os alunos sentem-se mais à vontade, têm maior segurança em fazer perguntas para esclarecimento de dúvidas e que a relação professor - aluno é uma relação permeada por trocas, como afirmou Mc. O aluno V também fez essa observação e ainda acabou justificando o comportamento da professora diante do aluno E, já discutido anteriormente.

26/06 – Grupo

P: Vocês acham que o bom relacionamento do professor com o aluno influencia no que vocês estão fazendo, na atividade que vocês estão exercendo?

V.: Ah!...Eu acho que sim, pois o aluno fica mais apoiado, com mais apoio e mais segurança pra fazer as perguntas, por que se a professora tiver um mau relacionamento com o aluno, ele nunca vai fazer pergunta pra ela com medo dela responder mal pra ele.

A.C.: É porque é assim, se você gosta do professor, você se sente melhor na aula, você presta mais atenção, você não tem vergonha de perguntar.

Vn: Eu acho que sim, porque se o relacionamento do professor com o aluno não é muito bom, o aluno fica inseguro, ele acha que tudo o que a professora tá... a professora tá contra ela, fica brava, fica com raiva da professora.

V.: Professora, eu acho que a professora R., ela é muito legal, porque no começo ela era um pouquinho chata, só que eu compreendo...acho que aí ela não era chata, porque ela está fazendo o papel dela como professora, porque os alunos como o E., por exemplo, ele bagunça, aí a professora chama a atenção dele e ele pensa que a professora não gosta dele e ele não gosta dela, porque o relacionamento dos dois assim, acho que é ruim e eu acho a R. que no começo ela era meio chata comigo, só que eu entendo, porque ela era meio chata, porque eu bagunçava, só que agora eu não estou mais bagunçando, estou prestando mais atenção nas aulas e agora ela está sendo melhor comigo, porque eu acho assim, que quanto mais o aluno participa da aula dela mais ela é amiga do aluno.

Al: An!...Sei lá! Mas, assim, claro que todo mundo gosta da R., mas o lado assim, que eu achava ruim dela é que ela puxava muito o saco de alguns alunos. (risos do grupo)

Am: Eu acho que ela é legal, porque ela ensina bem, ela tira as dúvidas, dá atenção para quem pede para tirar as dúvidas. Eu vou sentir muita falta dela.

V.: Eu acho que ela tem que puxar ...ela não puxa o saco, acho que ela é legal com todo mundo, alguns, né? Por que alguns...a maioria da classe participa da aula dela e assim ela é legal. Como diz...como diz assim...sei lá! Porque como...se o aluno for legal com ela, assim na aula dela, desempenha, que goste dela, que ela tem certeza, ela também faz a mesma coisa com o aluno e isso acho que isso não é puxar o saco. (Anexo 12)

V leva-me a pensar que realmente existe uma troca entre professor e aluno e que esta acontece de acordo com que ambos esperam um do outro, pois a reciprocidade se faz presente nesta relação. Se o professor tiver um bom relacionamento com seu aluno e oferecer-lhe uma aprendizagem significativa, este aluno, segundo V, vai se sentir mais apoiado, seguro e poderá apresentar um melhor desempenho na disciplina. Para A.C., além disso, o aluno poderá fazer perguntas sem se sentir envergonhado e participar mais das aulas.

V trouxe um exemplo significativo para esta análise quando contou sua própria história e fez uma “ponte” entre a relação da professora com o aluno E, esclarecendo de forma clara e objetiva esta questão.

Um outro ponto importante a ser ressaltado nesta análise é a fala da aluna A1, analisada na subcategoria parcialidade, onde apontou a postura da professora como parcial perante alguns alunos. Agora, nesta outra entrevista, A1 já esclareceu que a professora R não era mais parcial, pois antes R era “puxa saco” e agora a aluna já disse que não era mais, mostrando que com o decorrer do tempo a professora construiu um vínculo afetivo positivo com esta aluna, o qual antes não existia.

O aluno V também esclareceu que o fato do professor dar mais atenção para determinado aluno não é “puxar o saco” e sim reconhecer que o aluno está interessado, o que para este aluno é visto como positivo.

A seguir, os alunos com suas verbalizações deixam claro que a professora R construiu um bom relacionamento com eles, ressaltando que ela os respeitava, era receptiva e não os humilhava. A fala de F1 mostrou que o professor, ao lidar com seu aluno de forma agressiva, pode influenciar no desempenho deste aluno não permitindo que ele se utilize toda sua inteligência; quando a relação é benéfica, o ambiente de aprendizagem é mais saudável e tranquilo.

É importante ressaltar que a única fala diferente a respeito da relação da professora com os alunos foi a do aluno A. Para este aluno, o relacionamento entre estes sujeitos não tem tanta influência para a aprendizagem, mas sim a didática da professora.

27/06 – Grupo

Fl: Bem!...Porque eu me sinto muito bem, por que a aula dela é da hora de se ouvir, né? Ela assim, não é como certos professores que vive dando bronca, que nem o M.V. que só sabe humilhar o aluno, qualquer pergunta ela responde.

P: Vocês acham...para vocês um bom relacionamento entre aluno e professor influencia nas atividades, no que vocês estão fazendo?

Fl: Influencia, porque o aluno estando bem com o professor vai melhor na matéria, o aluno daquele professor que ele não vai muito com a cara ou é muito bravo com ele, pega muito no pé dele, ele não consegue demonstrar toda a inteligência.

Mg: Eu acho que influencia, porque tipo assim, você é minha professora, tudo que eu falo você retruca, aí tipo eu vou ficar com medo de falar com você, aí isso acaba influenciando, o aluno pode até ser prejudicado porque ele tem medo de falar com o professor.

A: Influencia mais ou menos, porque não é exatamente o relacionamento do professor com o aluno é mais o modo que o professor ensina, porque o relacionamento, mesmo que não seja muito bom, se o professor ensina bem o aluno vai aprender. (Anexo 12)

Para A, o importante é que o professor saiba como ensinar, o que me faz ainda acrescentar que ele deve sentir prazer em fazê-lo.

O caráter afetivo mostrou-se presente não só nas relações estabelecidas na dinâmica da sala de aula, mas também nas interações que permeiam estas relações. O papel da professora, como mediadora para o conhecimento do aluno, é tão importante quanto a relação que esta estabelece com seus alunos para mediar este conhecimento, o que ocorreu através das posturas e das práticas pedagógicas que a professora executou.

A professora, ao ser interrogada a respeito da mediação do professor para o conhecimento do aluno, também analisa como importante esta mediação:

A importância? Você é um mediador do conhecimento, você é um professor, eu não digo professor, professor acho que nós temos aos montes, nós temos que pensar que nós somos educadores. O Brasil precisa de educação, de educadores e não professor. Professor é uma profissão, educador eu já acho que é uma vocação. Você educar, você sentir prazer nisso e você sendo mediador do conhecimento, você tem que levar o aluno a querer conhecer, a querer...a querer criar os seus conceitos. (...) (professora R - Anexo 13).

A afetividade também é vista por esta professora como fundamental; para ela a afetividade não só é importante, mas auxilia no processo de ensino aprendizagem. Segundo suas próprias palavras:

(...) você cria uma empatia, você gosta dos seus alunos, você olha e vê o seu futuro e o futuro deles ali na sua frente, então você acaba criando um elo com eles e isso te ajuda no processo. Você tem aquela vontade, aquela sede que eles aprendam que eles saiam da sua sala... Eu aprendi, eu sei, eu gosto de trabalhar isso e a afetividade ela vem no processo, ele (o aluno) está aprendendo, então você vai criando uma afetividade em cima disso, né? Porque eles aprendem, eles buscam em você e você também acaba buscando neles (professora R – Anexo 13).

A professora afirma, ainda, que a reciprocidade se faz presente na sala de aula e acaba influenciando não só a relação professor – aluno, mas também o processo de ensino – aprendizagem.

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da apresentação do conjunto de dados coletados foi possível demonstrar como os aspectos afetivos se fazem presente na dinâmica da sala de aula e são a base da construção de um vínculo afetivo entre a professora e os alunos. Tal vínculo se dá ao longo do tempo e pode acontecer através da postura da professora, da dinâmica de trabalho dela e principalmente nas interações desta com os alunos.

É possível afirmar que as diversas formas de atuação da professora durante as atividades vão conferir um caráter afetivo na relação do aluno com o objeto de conhecimento e com a própria professora. Devido a essa relação, a qualidade da mediação da professora, que acontece a partir de sua interação com os alunos durante as atividades, é primordial para a valorização das mesmas pelos próprios alunos, tendo como consequência o gosto pelo aprendizado. Segundo Tassoni, *“as interações em sala de aula são carregadas de sentimentos e emoções, constituindo-se como trocas afetivas”* (2000, p. 150); sendo assim, as relações afetivas se fazem presente na sala de aula e acontecem a partir da interação entre as pessoas envolvidas.

As categorias de análise, criadas a partir das verbalizações dos alunos, – Características Pessoais da Professora, Práticas Pedagógicas e Relação professor – aluno, evidenciaram a presença da afetividade na dinâmica da sala de aula de forma clara e objetiva. Isto também é confirmado por Almeida (1999), quando esta autora afirma que a afetividade evolui à medida que a criança se desenvolve cognitivamente e torna-se mais exigente; o afeto então, deixa de ser só físico, como abraçar e beijar, passando a ser também cognitivo. *“Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. (p.108).*

Foi, portanto, principalmente através da linguagem que a professora e os alunos puderam evidenciar a afetividade, pois segundo Oliveira (2000), a linguagem *“exerce um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. (p.40)*

A partir dos dados coletados, pode-se concluir que, com relação às Características Pessoais da Professora, as subcategorias que posso apontar como mais significativas foram a Afetividade e a Parcialidade.

Em relação à Afetividade, esta revelou que a postura da professora perante os alunos é julgada por eles e será valorizada na medida em que apresente um caráter afetivo positivo. Tassoni (2000), evidencia que *“a imagem de um bom professor entrelaça-se com aspectos referentes à relação professor – aluno”*. (p.23). Desta forma, expressões como “é gentil, é amorosa, é legal, é a melhor professora”, verbalizadas pelos alunos, *“apontam como os alunos valorizam a capacidade do professor em mostrar-se próximo, do ponto de vista afetivo. Valorizam no professor as qualidades que os aproximam afetivamente”*. (idem, p.23).

Em relação à subcategoria Parcialidade, apesar dos alunos apontarem que a professora era seletiva, ficou evidente, no decorrer da pesquisa, que apesar desta professora apresentar uma “certa preferência” por determinados alunos, este fato não contribuiu para que ela tivesse um comportamento diferenciado com estes alunos. O importante é que essa possível preferência não foi obstáculo entre a relação da professora com os alunos. Segundo Freire (1998), *“(...) ninguém pode proibi-la de gostar mais de um aluno, por n razões, do que do outro. É um direito seu. O que ela não pode é preterir o direito dos outros em prol do seu preferido”* (p.61).

Os dados apresentados a partir da Categoria Práticas Pedagógicas demonstraram que as subcategorias estão todas relacionadas à mediação da professora com os alunos.

As subcategorias Apoio, Atenção, Atividades Julgadas Positivas, Instrução e Socialização evidenciaram o papel da professora como fundamental para a relação que o aluno estabelece com o objeto de conhecimento.

As posturas de Atenção e de Apoio da professora foram primordiais para o progresso que os alunos apresentavam durante o período de coleta de dados. Foi a partir da intervenção da professora que os alunos conseguiram um melhor desempenho que acabou sendo comprovado pela própria fala dos alunos e por suas notas. A postura desta professora perante as dificuldades dos alunos permitiu com que eles se sentissem mais seguros e apoiados e, em conseqüência, criando um ambiente de aprendizagem tranquilo.

Foi através das intervenções pedagógicas da professora e das verbalizações dos alunos que pude concluir que os alunos perceberam a preocupação da professora em querer que eles melhorassem, que aprendessem, sendo que as intervenções da professora para ajudar aos alunos foram essencialmente afetivas, estando mais próxima, dialogando, elogiando, etc. Segundo Tassoni (2000), isto é importante, já *“que é possível atuar sobre o cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse sentido, torna-se evidente que as condições afetivas favoráveis facilitam a aprendizagem”*. (p.154).

As subcategorias Atividades Julgadas Positivas e Instrução apresentaram falas significativas para análise da professora como mediadora na interação sujeito-objeto. Ficou muito evidente que a forma da professora desenvolver as atividades conferiu um caráter afetivo para os alunos. O gostar da atividade de redação e das explicações da professora foi justificado pelos alunos pela forma como a professora desenvolveu a atividade. Isso ficou evidente nas observações que fiz. A professora apresentou uma grande afinidade com a atividade de redação e com as explicações em sala de aula, mostrando um grande prazer em vivenciar essas práticas pedagógicas.

Tassoni (2000), a partir destas evidências, leva-me a refletir que o prazer em aplicar determinadas atividades pelo professor está relacionado à afetividade, já que esta *“também mostra-se presente nos desejos, intenções e motivos encontrados nas relações de ensinar e aprender.”* (p.156) No mesmo sentido Freire, enfatiza que *“ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão”*. (apud Tassoni, 2000, p156) O gostar de ensinar e o gostar de aprender, portanto, não estão dissociados, sendo permeados pela afetividade.

A escola, espaço privilegiado de aprendizagem, deve levar em conta as práticas pedagógicas que acontecem nas relações entre os envolvidos nos processos que aí ocorrem, sendo que os aspectos afetivos e cognitivos são inseparáveis, ambos responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo como um todo. Para Snyders, a escola deve enxergar o aluno em sua totalidade, procurando a inter-relação dos aspectos afetivos com os cognitivos,

“(…) de todos os conhecimentos, da geografia a matemática, esperam-se ressonâncias afetivas. Todos sabemos que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente bem o

que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo, tem necessidades de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para essa conciliação." (apud. Tassoni, 2000, p.25).

Separar o afetivo do cognitivo torna-se, então, um grande equívoco, já que a afetividade é a base das mais variadas emoções. Segundo Almeida (1999), "*na teoria Walloniana, a afetividade é o ponto de partida do indivíduo*" (p.44); conforme a criança evolui, a afetividade também vai evoluindo e através das interações sociais que acontecem em sala de aula, as manifestações de comportamento vão ganhando outros significados.

A professora deve ser vista, então, como uma grande mediadora. Ela precisa ter consciência que a sua prática pedagógica, que se implica, nas interações do aluno com os conteúdos, vai influenciar o aluno não só em sua relação com o objeto de conhecimento, mas em sua relação com a própria educadora.

Em relação à subcategoria Socialização, esta foi evidenciada a partir das atividades de redação vivenciadas pelos alunos. Foi marcante nesta subcategoria o respeito ao papel do Outro na mediação do conhecimento. Não só a professora contribui para o conhecimento do aluno, mas também os próprios alunos, pois na hora da apresentação desta atividade ocorria uma troca positiva entre os alunos muito valorizada por eles nas verbalizações.

Tanto Vygotsky quanto Wallon destacam a importância do Outro. "Segundo Almeida "*Wallon concebe o outro como um agente ativo da interação eu – mundo*". (1999, p.62). Para Vygostsky, o papel do outro é fundamental na aquisição do conhecimento por parte dos alunos, pois existem atividades que as crianças não conseguem realizar sozinhas necessitando no início, da ajuda do outro.

Esse é um ponto chave na teoria de Vygotsky, porque este autor atribui grande importância à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas. Oliveira (2000) enfatiza que "*o desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro nas diversas esferas e níveis da*

atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual” (p.60).

Portanto, não só a interação da professora com os alunos é importante para o aprendizado, como também a interação que acontece entre os alunos, pois a troca entre as crianças é um momento privilegiado. Segundo Oliveira (2000), *“Se o professor dá uma tarefa individual aos alunos em sala de aula, por exemplo, a troca de informações e de estratégias entre as crianças não deve ser considerada como um procedimento errado, pois pode tornar a tarefa um projeto coletivo extremamente produtivo para cada criança”.* (p.64). Estes, segundo esta autora, são recursos legítimos utilizados pelo aluno para promover seu próprio desenvolvimento.

A Categoria Relação Professor – Aluno também é primordial para compreensão da construção do vínculo afetivo entre o professor e o aluno. Almeida (1999) afirma que *“(...) na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre as pessoas. Portanto, na relação professor – aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”.* (p.107)

Ser educador é ser amigo do aluno, relacionar-se bem com ele, intervir quando necessário, estar atento as suas necessidades, enfim, ser afetuoso. O educador, portanto, deve estar aberto para querer bem ao seu educando, e esta condição, segundo Freire, não significa que, o professor é obrigado a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Para este autor, *“significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano”.* (2000, p.159). A partir desta questão, a educação, por ser uma prática especificamente humana, vai conferir às relações de ensino um caráter afetivo.

É importante ressaltar que os aspectos afetivos que envolvem a relação do professor com o aluno não se restringem apenas às virtudes e valores do educador com relação a seus educandos. Os aspectos afetivos *“(...) manifestam-se também na maneira como o professor lida com o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve”* (Tassoni, 2000, p.23).

Esta questão é fundamental para o entendimento do vínculo afetivo que os alunos estabeleceram com as atividades. Fica claro que quando o professor se identifica com determinada prática pedagógica, acaba contagiando seus alunos, fazendo com que eles sintam gosto em aprender. Tassoni (2000) confirma ao dizer *“(...) o professor contagia*

os alunos e, conseqüentemente, o ambiente da sala de aula, com suas emoções e sentimentos" (Tassoni, 2000, p.154.)

Desta forma, a reciprocidade assume papel fundamental na relação do professor com o aluno, como ficou claro nos dados. A fala de um dos alunos, especificamente V, levaram-me a sugerir que, a partir do envolvimento dos alunos com a disciplina, o professor envolve-se muito mais, e vice-versa, dando um maior valor à sua prática educativa e também valorizando o interesse de seu aluno em sua disciplina. Por conta disso, tanto o aluno valoriza "o fazer com prazer" do educador como este valoriza o "querer aprender" do educando.

As trocas afetivas, portanto, são permeadas de significados afetivos; cabe ao educador ter consciência disso e promover *"uma ampliação das condições de interação vividas dentro da classe para um âmbito cada vez maior, possibilitando a criação de "um circuito não perverso", onde as atitudes de compreensão consideração, respeito e reciprocidade tornem possível a busca da realização de todos os envolvidos."* (Tassoni, 2000, p.160).

As relações que se estabelecem na sala de aula, por apresentarem um caráter afetivo, devem ser permeadas pelo respeito, diálogo, paciência, pelo saber ouvir, pela reciprocidade e receptividade, para fornecer a estas relações uma base sólida, segura, a qual se fundamenta na afetividade.

Ser educador, ser professor, ser aprendiz sempre, eis o grande desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny (org.). *Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores*. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Editora Papirus, 1999.
- CODO, Wanderley, GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley (coord.) *Educação: Carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes/ Brasília CNTE e Brasília LPT, 1999. p. 48 - 59.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000, p.159 – 165.
- _____, Paulo. *Professora Sim Tia Não*. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'água, 1998, p. 61.
- GALVÃO, Izabel. *Henry Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- LEITE, S. A. S. *A passagem para a 5ª série: um projeto de intervenção*. Caderno de Pesquisa, FCC, n.º 84, p.31-42, fev. 1993.
- LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativa*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.
- PEREIRA, Maria Izabel Galvão G. Tese de Doutorado. *Emoções e conflitos: análise da dinâmica das interações numa classe de educação infantil*. Faculdade de Educação, USP, 1998.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio - Histórico*. São Paulo: Editora Scipione. 2000.
- TAILLE, Ives de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget - Vygotsky - Wallon, Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus editorial. 1992, p. 75 - 98.
- TASSONI, Elvira Cristina M. Tese de Mestrado. *Afetividade e produção escrita: a Mediação do professor em sala de aula*. Faculdade de Educação, Unicamp, 2000.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1984.

WALLON, Henri. A afetividade. In: *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Edições 70. 1968, p.145 - 153.

ANEXO 1

Roteiros de Entrevista

A) Roteiro de Entrevista com a professora.

- 1- Dados pessoais: idade e estado civil.
- 2- Formação: o que e onde estudou? Possui algum curso de formação continuada?
- 3- História profissional: tempo de atividade profissional; local em que já trabalhou; onde trabalha atualmente e carga horária; tempo na escola.
- 4- A escola: O que a escola representa; e os alunos.
- 5- A afetividade: Como é vista na sala de aula; qual sua concepção e importância; Considera importante a afetividade para a relação entre o professor e o aluno? E para o processo de ensino-aprendizagem? Por que?
- 6- Os alunos: falar dos alunos, das relações; das dificuldades, facilidades; das atividades desenvolvidas em sala de aula; o que faz quando vê um aluno com dificuldade; como ensina; qual sua importância na mediação do conhecimento do aluno; considera importante a relação professor- aluno, para o processo de ensino?
- 7- As Atividades: Por que esta determinada atividade? Qual o seu objetivo? Como você vê a participação dos alunos nas atividades em sala de aula? Qual atividade você mais gosta de aplicar? Por que? E qual a que não gosta? Por que?

B) Roteiro de entrevista a ser realizada individualmente com os alunos

- 1- Dados pessoais: idade; sexo; histórico escolar.
- 2- A professora: Gosta da professora? Quanto? O que você mais gosta em sua professora? O que a professora faz que você gosta? E o que não gosta? Por que? Sua professora grita, pede por favor, “dá bronca quando necessário”, aceita sugestões, volta atrás nas decisões, ensina novamente se necessário, é brava? Quando um aluno não está

indo bem na Disciplina de Português o que a professora faz? O que você acha disso? O que lhe chama mais atenção na sua professora?

3- A Disciplina de Português: Você gosta de fazer o que a professora pede? Por que? Se você tem alguma dificuldade para realizar uma determinada tarefa, o que você faz? Pede auxílio? Por que? Qual atividade a professora pede para que você faça mais: provas, chamada oral, redação, trabalhos em grupos, trabalhos individuais? As notas são dadas só através das provas ou de acordo com o desempenho do aluno na disciplina?

4- A Atividade realizada: Você gostou desta atividade? Por que? O que sentiu ao realizá-la? O que a professora fez durante a atividade que você gostou? E não gostou? Qual atividade você mais gosta de exercer? Por que? De qual atividade você mais participa? Por que? Tem alguma de que não gosta? Por que?

C) Roteiro de entrevista coletiva a ser realizada com os alunos.

1 - Dados pessoais: idade, sexo e histórico escolar, caso os sujeitos não tenham participado das entrevistas individuais.

2- A professora: Gostam da professora? Quanto? O que a professora faz que produz satisfação para o coletivo da classe? E Insatisfação? Por que? A professora: grita, pede por favor, dá “bronca quando necessário”, aceita sugestões, volta atrás nas decisões, ensina novamente se necessário, é brava? Como vocês vêem a relação da professora com a classe? Vocês gostam de fazer prova de Português? Por que? Quando um aluno não está indo bem na Disciplina de Português o que a professora faz? O que vocês acham disso? O que mais chama atenção na professora?

3- A Disciplina de Português: Vocês gostam de fazer o que a professora pede? Por que? Se vocês têm alguma dificuldade para realizar uma determinada tarefa, o que fazem? Pedem auxílio? Por que? Qual ou quais atividades a professora pede para que vocês façam mais: provas, chamada oral, redação, trabalhos em grupos, trabalhos individuais? As notas são dadas só através das provas ou de acordo com o desempenho do aluno na disciplina? O que vocês acham disso?

4- A atividade realizada: Qual atividade vocês mais gostam de exercer? Por que? Vocês gostaram desta atividade? Por que? O que sentiram ao realizá-la? O que a professora fez

durante a atividade que vocês gostaram? E o que não gostaram? De quais atividades vocês mais participam? Por que? Tem alguma de que vocês não gostam? Por que?

5- Vocês acham que o relacionamento do professor com o aluno influencia na aprendizagem?

ANEXO 2

Afetividade

10/04 – L

P: O que você mais gosta na sua professora?

L: Ela é carinhosa, bem carinhosa.

12/04 – C

P: Quanto você gosta?

C: Ah! Bastante porque ela é carinhosa, ela é gentil.

P: Agora diz para mim, o que mais chama atenção na R para você?

C: Ah! Que ela é gentil. Ela não grita, ela é carinhosa. Ela explica as coisas direitinho.

26/04 – V

P: Quanto? Pouco, bastante, muito?

V: Ah! Eu acho ela legal, o jeito da professora, todos os professores são assim mesmo, eu acho que é normal, e eu acho que ela é legal, uma boa professora, ensina bem, né? Acho que ela é legal!

P: O que mais chama sua atenção nela?

V: Nossa meu! Eu acho ela muito legal! Assim como a professora é até boazinha. Porque tem algumas professoras até pior e ela ensina bem, faz tudo de bem. Eu sei que, às vezes, eu peço para ir no banheiro, para beber água ela não deixa, é porque ela tá certa, né? Por que não pode perder matéria, ela tá certa.

10/05 - A

P: O que mais chama sua atenção na professora?

A: (pausa) O temperamento dela, porque é bem legal! E que ela não é muito rígida. A atitude dela assim.

10/05 – Lu

P: O que mais chama sua atenção na professora R?

Lu: Ah! Que ela é legal!

06/06 – Fl

P: O que chama mais atenção na R?

Fl: Ah!...É que ela se preocupa com tudo, né? Se preocupa até com a postura do aluno, ela vive falando “postura acadêmica”, “para de conversar”, “arruma a cadeira”, “olha as bolsas jogadas no chão”.

12/06 - Grupo

P: Vamos lá. Eu queria saber se vocês gostam da professora de Português.

My: Eu gosto.

P: Por que?

My: Porque ela é legal.

B: Gosto, porque ela é legal, mas é muito exigente.

Y: Nada contra, porque ela é legal, ela ensina bem.

Fl: Sim, porque ela ensina bem, ela é divertida, ela tem bom senso de humor, ela aceita sugestões, ela conversa bastante, dá bastante lição oral, lições diferentes, etc.

Mc: Eu gosto, porque ela explica bem, ela tem... o jeito dela falar, só que às vezes ela é muito exigente, mas tá bom, ela é uma ótima professora.

Al: Ela é divertida.

Fl: Ela é muito divertida e tem um bom senso de humor.

Mc: Ah!...Ela explica bem e é divertida.

P: Gente! Como vocês se sentem, porque cada professor é de um jeito, não é? Como vocês se sentem na aula da R?

M.F: Muito bem!

P: Por que?

M.F: Ah!...Porque ela é uma pessoa muito agradável.

Am: Ah!...A vontade assim, eu acho que eu consigo aprender bastante, porque eu acho que ela é uma ótima professora.

Al: Muito bem, ela é legal, simpática, eu gosto da aula dela.

Y: Dá sono, ela fala de mais.

13/06 – M.F.

P: Você gosta da sua professora?

MF: É a melhor professora.

P: Por que você acha isso?

MF: Ah!...Porque ela explica bem, ela é legal, ela é amorosa.

20/06 – A.C.

P: O que lhe chama mais atenção na professora?

A.C.: Que ela é boazinha.

26/06 - Grupo

Vn: Ah!...Porque a aula dela é boa, ela é divertida a professora, e a gente se sente bem.

M.R.: Eu acho a R uma pessoa simpática, né? E agora a gente sabe que ela vai embora, a gente fica chateada, porque a gente acostumou com ela. É uma pessoa legal!

P: E por que é que você não queria que ela fosse embora?

A.C: Porque ela é legal!

M.F: Ah!.. Eu entendo que ela tem que ir, porque a A (professora que estava de licença) vai voltar, só que eu não quero porque ela é muito legal e a A a gente nem conhece direito e a R a gente conheceu, né? Esse ano.

28/06 – Grupo

A.C: Eu me sinto bem, porque ela é uma professora legal e eu gosto da aula dela.

C: Ah!...Bem porque é legal, porque ela tem respeito na gente, ela dá coisa interessante, criativa, é dez.

P: Por que você acha que ela é diferente?

Al: Porque ela é legal, é uma forma dela ser.

ANEXO 3

Justificativa

24/05 – Miguel

P: A (professora) R grita?

Mg: Não!... (pausa) Eu acho assim, ela não grita, ela fala alto.

P: Ahn!...Sei. E ela pede por favor, ou dá bronca?

Mg: É, ela pede por favor assim (pausa) éee (pausa) por exemplo eu, às vezes, também dou mancada com ela, aí ela pede “Mg” por favor, fique quieto?

29/05 – Grupo

Mg: Eu acho que de vez em quando ela é até assim, as outras classes a gente também deixa ela brava aí a gente mesmo fica conversando, aí ela fica brava, mas não brava assim muito!

C: Que nem o E tava falando que ela é chata, mas também tem horas que ela tem que ser chata e também tem horas que ela tem que ser legal!

D: Nesses dias eu percebi que ela tava nervosa, não sei porque, mas tinha algum, algum assunto, então eu acho que ela se controlou bem, para dar aula pra gente.

Lu: Eu achava ela chata, mas agora eu acho ela legal! Por causa que as vezes ela compara nós com a outra classe.

P: E ela briga muito?

Fl: Não, ela briga quando precisa, né? Ela briga quando é preciso, não quando briga à-toa, só por perseguição do aluno.

P: Ahn!...A professora grita?

Fl: Ela grita só quando necessário, porque a classe também bagunça bastante, aí ela tem que acabar gritando.

P: Ela é brava?

Fl: Ela é...quando ela fica nervosa, ela é brava.

P: Geralmente, por que ela fica nervosa?

Fl: Ah!... Porque a classe fica bagunçando muito, conversando no meio da explicação, com isso toda a professora fica brava.

ANEXO 4

Parcialidade

29/05 – Grupo

V: Professora, eu acho ela mais ou menos, porque às vezes ela...Às vezes ela nem escuta a gente. A gente fica, professora, professora, dez mil anos com a mão levantada, aí vem um lá, bem depois que a gente levantou a mão, aí ela ...aí ela chama o outro que bem depois levantou a mão. E eu, professora, professora...Aí depois ela fica falando que eu sou impaciente.

N: Eu também acho, mas ou menos, por causa que tem vez que ela, por exemplo, briga com uma outra classe, aí ela chega na nossa ela já tá brava e não deixa a gente fazer muita coisa como conversar, as vezes, né? (Risos em geral)

P: E o que vocês não gostam que a professora faça?

N: Eu não gosto quando a gente levanta a mão pra responder alguma coisa, ela fala assim: “não! Agora é a última pessoa que vai responder”. Aí ela pergunta pra uma pessoa que sempre responde as perguntas.

Mg: Eu acho mancada da professora R assim, a gente tá um milênio com a mão levantada, aí um outro levanta a mão há um dia e ela chama esse que levantou a mão há um dia.

E: É verdade.

12/06 – Grupo

M.E: Tem certeza? Eu sinto...Sei lá, eu não tenho nada a favor, nada contra, tipo assim, às vezes ela é legal, mas sei lá...agora ela está bem mais legal do que antes, ela puxa meio o saco da L, é isso.

Al: Eu acho a R legal, ela explica bem a matéria, mas puxa muito o saco da mocinha L.

M.F: Às vezes, ela dá bronca em alguém, por uma causa injusta.

ANEXO 5

Aspectos Negativos

29/05 – Grupo

P: Vocês gostam da professora de Português?

G: Sim

E: Não. (só E responde não).

P: Por que?

E: Ah! Acho ela muito chata.

P: Mas, por que ela é chata?

E: Ah! Por que ela é chata e muito brava.

Mg: Tem que ter um motivo E.

E: Pronto, muito brava.

12/06 - grupo

P: O que vocês não gostam que ela faça? O do que vocês não gostam que a R faz?

My: Ah!...Ela briga muito.

Mc: Ela é muito exigente.

My: Depende, tem dia que ela tá brava, daí é ruim ter aula com ela.

ANEXO 6

Apoio

17/04 – C

P: Mas, a avaliação de Português, eu vi quando você estava fazendo, eu vi que você chamou a professora, não é? Aliás, a sala inteira a chama na hora da avaliação. E quando você a chamou, o que ela fez?

C: Ela explica, por exemplo eu fiz um negócio, eu falei: professora, tá certo? Ela falou assim: tá! Aí ela me explicou mais, mais para entender, para entender mais.

P: Eu percebi que todo mundo a chama na prova, não é? E aí, ela se aproxima e tenta ajudar. E quando ela vai conversar com você, você consegue então resolver os exercícios, depois que ela conversou?

C: Huhum! Ela explica direitinho. Ela explica como faz, por que, às vezes, não entende, aí ela explica.

26/04 – F

P: Na avaliação de Português, eu vi que você chamou a professora, não é? O que ela fez quando você a chamou? Você estava com dúvidas, o que ela fez?

F: Ah! No exercício n.º 1, eu falei assim: Ah! Tá certa esta resposta? Tá limpo, né? Ela falou, você precisa melhorar, aí o que eu fiz eu melhorei a resposta, sabe? Ela deu uma ajuda naquele exercício e naquele por exemplo... Eu não lembro que número era, mas o exercício era para fazer...se era substantivo composto, sabe? Tudo isso. Aí ela me explicou e eu fiz, só que ainda errei porque esqueci um treco lá.

26/04 – V

P: Percebi que na prova você estava nervoso demais, e, por exemplo, se você tinha dúvida, vi que você chamava a R. Quando ela se aproximava o que ela fazia? Ela ajudava? O que ela fez?

V: Ah! Ela explicava, ela não dava resposta, por que não pode, mas ela explicava como era a questão, aí se você não entendesse, né? Aí, não entendeu...(risos).

10/05 – A

P: Você também chamou a professora na hora da prova. Quando você chama, o que ela faz?

A: Ela assim, meio discreta assim, dá umas dicas para tentar fazer o aluno lembrar do que ensinou na classe e aí, é assim mesmo.

P: Ah! Sei! Quer dizer que quando você está fazendo a prova, você a chama. Se você não sabe, ela dá umas dicas, aí você consegue fazer os exercícios?

A: É, mas não é dica para fazer o exercício é lembrar do que ela ensinou.

P: E o que você acha disso?

A: Eu acho legal! Porque é bem um jeito de não dar resposta para ele e fazer ele lembrar.

10/05 – L

P: Eu percebi que na avaliação, todo mundo levanta a mão e chama a professora e você também levantou. E o que ela faz quando você a chama?

Lu: Ah! Às vezes, quando eu pergunto muitas vezes, ela não responde, mas se for duas ou três vezes, ela vai lá e responde para mim.

P: Ela ajuda a responder?

Lu: Huhrum

P: E o que você acha disso?

Lu: Ah! Eu acho assim, você vai se sentir mais seguro, fazendo isso daí, perguntando.

06/06 – F

P: O que você pensou que a R achou do que você fez? O comportamento da R em relação a essa atividade, o que você achou?

F1: Ela acha muito as redações legais, porque a maioria são engraçadas, né? E normalmente ela fica do meu lado lendo junto comigo e assim ela lê, caso eu me embarace na minha letra, que isso acontece bastante, porque eu fico nervoso quando eu vou ler. Ela, às vezes, me...ela, às vezes, entende minha letra e me fala, né? Aí dá pra mim ler de novo e assim ela lendo caso eu tenha falado errado alguma palavra, ela entende e também entende o que eu estou falando, assim já dá pra ter uma reação melhor da redação.

P: Eu vi que pelo menos uma vez você chamou (na prova).

F1: É, eu chamei, eu já chamei a professora M (monitora), por que as questões que estavam lá, eu não entendia muito bem as questões, mas quando as profess...os alunos chamam ela normalmente ela vai, né? Pra poder tira dúvida, mas... éee... tem outras horas que elas falam, que elas falam tipo que não sabem nada, né? Pra...porque é prova, mais a maioria das vezes ela ajuda.

P: O que você acha disso, dela ajudar na prova?

F1: Eu acho, por um ponto de vista, muito bom, por que o aluno acaba se interessando mais pela matéria, porque na prova você também obtêm outros conhecimentos de tudo que você estudou, né? E com aquilo sua criatividade aumenta e assim...ahn...ahn...tá na ponta da língua, aí é bom, porque caso você não tenha entendido algo e a professora vai lá e ajuda, aí vem um tique na sua cabeça, aí cê já tem mais criatividade para a resposta por uma palavra você já descobre a resposta.

12/06 – Grupo

P: Então, depois que vocês fazem essa atividade eu percebo que a R pede para quem quiser, ir ler lá na frente, não é? Eu gostaria que vocês me falassem o que acham disso? Sobre deixar vocês lerem e do comportamento dela mesmo em relação a quando vocês estão lendo?

M.F: Ah!...É legal porque assim, você perde a vergonha, mas tem gente que tem vergonha, como eu, né? Aí pede pra professora ler, só que mesmo assim a professora lendo, dão risada da nossa redação, né F1? ((risos))

A1: Eu acho legal, porque ela consegue colocar a classe em respeito pra gente ler, só que muita gente não lê por causa da vergonha que a gente tem, porque a classe nunca...fica dando risada, a classe não aceita a nossa redação, depende do que a gente escreve.

19/06 – Grupo

P: E quando algum aluno está lendo o que é que a R faz? Vocês percebem? Vocês podem me dizer o que ela faz?

M.G.: Ela chama atenção de quem está conversando e fala para prestar atenção no aluno que está lendo.

P: E em relação ao aluno que leu, o que ela faz?

C: Ela fala que o aluno precisa melhorar naquilo.

P: O que eu queria perguntar para vocês... vamos voltar lá, lembram a Prova de Português? A avaliação. Eu percebo que quando vocês fazem a avaliação da R, que foi a única que eu vi (só da disciplina de Português), todo mundo levanta a mão na hora da prova e quando vocês levantam a mão e chamam a R, porque aqui todo mundo chama, o que ela faz?

T: Ah!... Você pergunta, aí ela explica lá melhor, daí você entende.

P: E o que você acha disso?

T: Ah! Legal, porque aí, você pega e já sabe melhor como fazer, porque se não explica, não dá para fazer nada lá.

A.C.: Quando ela pode explicar ela explica, mas quando não pode, ela tenta explicar.

20/06 – A.C.

P: E aí, quando ela está lá na frente, ela sempre fica do lado de quem está lendo, não é? O que você acha disso?

A.C.: É legal.

P: Por que?

A.C.: Por que assim...se tem, se alguém fala baixo, ela fala mais alto pra classe ouvir ou quando tem algum erro, ela corrige lá na frente.

P: Ahn!...Sei! Eu percebi que todo mundo, quando está fazendo prova de Português, levanta a mão e chama a R. Você também chamou, o que ela faz quando você a chama?

A.C.: Ela ensina o exercício pra gente fazer a prova melhor.

26/06 – Grupo

P: Gente, eu percebo que quando a R dá atividade de redação, seja um tema livre ou estruturado, quando vocês terminam de fazer, ela pergunta para vocês quem quer ler. Aí, vocês vão lá na frente para ler a história; o que vocês acham disso?

V: Bom, você falou que a pergunta era que a professora chama pra perguntar lá na frente? Pra ler lá na frente?

P: É, o que você acha?

V: Eu acho legal, porque assim você fica.... o aluno que não sabe ler, no bom sentido, assim, não sabe ler direito, ele começa ler e aí com o tempo a professora vai chamando ele e ele vai...ele começa a ler cada vez mais rápido, cada vez mais rápido e assim depois de um tempo, ele vê que ele tá lendo muito bem e aí quando você crescer assim quando você ser um adulto, você for um adulto, né? Por exemplo, no trabalho pedem para você ler alguma coisa, aí você está já tá praticamente esperto nisso, né?

Vn: Eu acho muito bom, por que assim tira a timidez do aluno e também ele tem oportunidade de como se diz....de mostrar a criatividade dele para os outros e isso é legal! ((auxiliada por outra aluna do grupo que a ajuda completar a resposta))

M.F.: Ah!...Eu acho bom, porque é assim, você vai lá na frente, aí você tá com vergonha, aí você começa a ler, ((risos)) aí você vai perdendo a vergonha, mas quando ninguém bate palma, fica assim, sei lá!

P: Quando vocês vão ler a redação lá na frente, a R está sempre do lado de quem está lendo. Eu queria que vocês me falassem o que vocês acham disso? Por que vocês acham que ela fica do lado?

M.F.: Ah!...Eu acho importante porque de repente o aluno não está conseguindo ler direito, ela vai lá, vê o caderno, aí ela fala pra ele o que está escrito, né? Por que, às vezes não entende a própria letra e também quando o aluno tá lendo baixo, ela pega o caderno e lê mais alto para o outros.

Al: Às vezes, também ela pega o caderno e faz uma correção. Eu estava lendo lá na frente e ela pediu uma caneta e ela fez a correção, aí depois que eu li.

P: O que você acha disso?

Al: Eu acho importante, porque ela vê o nosso caderno como que a gente está fazendo as coisas também.

Am: Ah!...Eu acho importante, porque assim, ela fica do lado e o aluno às vezes, tem vergonha, aí ela dá um apoio, um incentivo.

Mc: Ah!...Eu acho, por que quando o aluno está lendo errado ela corrige e o lado mal é que às vezes, o aluno pensa que ele tá lendo mal, porque ela está do lado dele.

V: Eu acho legal, ela ficar do lado, porque o aluno fica mais seguro, ele fica bem mais seguro, porque a maioria das vezes quando o aluno vai ler ele precisa do apoio da professora ficar do lado dele para ele ler com segurança.

A.C.: É...Eu acho interessante, porque aí ela corrige os erros ou ela lê mais alto para quem lê baixo, essas coisas só...tchau.

27/06 – Grupo

P: E o que você acha disso?

F: Ah!...Eu acho legal, né? É, eu acho, porque aí se você errou alguma palavra, tipo como eu falei ela vai lá, lê, fala tá sem sentido, aí você vai lá faz tudo de novo.

N: Eu acho que ela fica do lado para também corrigir, mas por exemplo, se eu erro uma palavra, ela ajuda assim, se eu não estou conseguindo ler uma palavra e quando a gente tem vergonha também de ler, ela lê para gente e eu acho que isso aí é bom por causa que se ela faz isso a gente acaba perdendo a vergonha de começar ler para todo mundo.

A: Eu acho que ela lê do lado, para saber se o texto está com nexos antes da pessoa ler, porque daí por exemplo se eu...se o aluno percebeu que a professora riu é porque, às vezes, ou tá engraçado ou está sem nexos, mas eu acho que a professora R não ri de erro.

Fl: É...eu... Ah!...Assim a professora R eu acho que ela fica do lado, porque quando o aluno empacar, ela fica lendo junto a redação, quando o aluno empacar, aí ela fala a palavra, né? Porque um dia eu tava lendo a minha redação, eu comecei a empacar, né? Eu não tava entendendo a minha própria letra, né? A professora disse a palavra que tava e eu continuei a redação e eu acho legal, né? Porque normalmente os professores quando mandam...quando pedem para o aluno ler a redação, vai lá, senta na mesa do professor começa a corrigir alguma coisa, mas ela não, ela ficava do lado lendo junto, ((ela presta atenção)) ela presta atenção no que a gente escreve, ela não fica prestando atenção em outra coisa.

28/06 – Grupo

M.F.: Eu acho importante, porque aí você perde a vergonha, só que quando assim...você faz, aí, nossa! Tá super legal! Aí você vai ler lá, ninguém bate palma, aí você fica olhando assim, nossa! Tá horrível a minha redação! Aí você fica com mais vergonha ainda.

A.C.: Eu acho que ela fica do lado, por que, pra corrigir se tem alguma coisa errada, se a pessoa lê baixo ela pede pra ler mais alto, ela corrige os erros ortográficos, uma coisa assim.

P: E o que você acha disso?

A.C.: Eu acho interessante, por que aí a pessoa não fica com o texto...com as palavras erradas do texto e é isso.

M.F.: Eu acho importante, porque assim, você tá lendo, aí você não entende a sua própria letra, porque você fica relaxado, aí a professora fala o que está escrito tá, aí depois se tem erro, ela corrige e quando você lê baixo, aí ela lê alto.

P: Você acha importante ela ficar lá na frente?

A1: Acho, porque ela ajuda o aluno também e controla a classe se que tem...ela consegue colocar a classe em respeito com o aluno que quer ler.

ANEXO 7

Atenção

26/04 – F

P: E o que você acha? Quando um aluno não está indo bem na disciplina, o que a professora faz?

F: Acho que ela fica preocupada assim, né? Eu acho que ou ela marca uma hora com o ele, sabe para dar um reforço ou ela explica, pega mais no pé dele.

F: Ah! Eu acho bom, né? Por que tem professor que não se preocupa com isso. Ela tá interessada no aluno, você vê que ela quer que o aluno melhore.

P: Tem alguma atividade que você tem dificuldade de realizar, aí o que você faz?

F: Ah! Acho que não. Ah! Tipo assim, na prova fico muito nervoso, aí eu esqueço, aí, sabe? Ela sempre ajuda assim, na prova.

10/05 – A

P: Como ela é? Como ela explica? Ajuda o aluno? Como ela é na sala de aula?

A: Ah! Ela ajuda bastante o aluno. E quando ela explica, ela vai dando umas dicas para se lembrar. (pausa) Ela ajuda bastante.

10/05 – Lu

P: Quando um aluno não está indo bem na disciplina de Português, o que a professora faz?

Lu: Ah! Ela dá mais atenção para esse aluno, para ele ficar melhor, assim, melhorar.

P: O que você acha disso?

Lu: Ah! Eu acho muito legal! Por causa que tem professor que você pergunta e ele deixa pra lá, tudo. Ele só vai nos alunos que não tem dificuldade.

P: Eu percebi que no começo do ano, você quase não participava, não fazia lição, estava sempre muito distraído. E agora, não, não é? Você está participando, faz a lição. O que você acha que aconteceu com você? Por que você mudou?

Lu: Por causa, que eu sei como é ficar de recuperação, né? Porque eu fiquei na 4ª série, é muito ruim, daí você tem que ficar nas férias, enquanto seus amigos estão brincando, você está estudando.

P: E a R teve alguma participação nisso? Ela ajudou a perceber isso? Ela fez alguma coisa?

Lu: Ela ajudou, ela deu mais atenção, assim, quando eu precisava, ela dava mais atenção.

24/05 – Mg

P: Quando o aluno não está indo bem na disciplina de Português o que a R faz?

Mg: Ah! Ela dá umas dicas por exemplo, eu fiquei de recuperação de Português, aí ela falou, naquelas fichas que eles dão de sugestões, ela falou é e...não é comportamento que fala é atenção, ter mais atenção nas aulas e que a minha conversa, não é assim

conversa de atrapalhar professor é conversa que não atrapalha eles, mas, me atrapalha no meu estudo.

06/06 – F

P: Quando o aluno não está indo bem na disciplina de Português, o que ela faz?

F1: Ela, primeiro quando ela está explicando, ela pergunta se alguém entendeu e se alguém levantar a mão ela explica de novo e se ainda não entendeu, ela usa exemplos.

P: Hum!...O que você acha disso?

F1: Eu acho uma experiência muito interessante, porque poucos professores são assim, né? Tem aqueles professores que vai lá, passa tudo na lousa, nem dá bom dia, depois só dá uma explicação, se o cara não entende, ele fala: “oh! Mas é obvio isso, não sei porque você não está entendendo”, ao invés de explicar de novo.

12/06 – Grupo

P: O que vocês mais gostam na professora?

Am: Eu acho assim, ela explica bem a matéria e quantas vezes a gente tiver dúvida, daí ela explica quantas vezes for preciso.

P: Quando um aluno não está indo bem na matéria, na disciplina, o que a professora faz?

Am: Ah!...Ela ajuda, tenta explicar mais a matéria.

Vn: Ah!...Ela ajuda, mas tem que ajudar quem pede, né? Depois, se não pedir, não adianta reclamar.

P: Fala um pouquinho do modo que ela ensina.

Am: Ah!...Sei lá! Ela dá atenção pra gente, se a gente tem dúvida ela explica bastante.

Am: Ah!...Aí ela me ajuda, ela tenta me ajudar o máximo possível até eu entender a tarefa.

13/06 – M.F.

P: Fala um pouquinho pra mim do jeito que ela explica.

M.F: Porque, assim você levanta a mão, porque você está com dúvida, aí ela fala...ela chama o nome e fala pode perguntar, a gente pergunta ela responde, depois se você continuar não entendendo, ela fala de novo, tenta explicar de novo.

P: Quando o aluno não está indo bem na disciplina de Português o que ela faz?

M.F: Ah!...ela ajuda, ela fala no que é que você está com duvida? Aí ele fala, aí ela fala, ah!...Então é isso, aí ela explica de novo.

P: E o que você acha disso?

M.F: Ah!...eu acho importante, porque se o aluno está com dúvida, ela tem que explicar e ela explica mesmo.

19/06 – Grupo

T: Ela ajuda, ela avisa e fala assim: é pra você melhorar naquilo.

P: E o que vocês acham disso?

T: Ah!...Legal porque aí, ela está ajudando o aluno a melhorar.

M.G: Que o aluno vai bem melhor do que era antes.

20/06 – A.C.

P: Quando um aluno não está indo bem na disciplina o que é que ela faz?

A.C.: Ela ajuda.... ele a melhorar.

P: Como que ela faz isso?

A.C.: Ela ensina de novo, sempre pergunta as coisas pra ele, sempre olha o caderno, essas coisas.

P: O que você acha disso?

A.C.: Interessante!

28/06 – Grupo

não é? A R falou hoje que vocês surpreenderam. Por que vocês acham que foram bem na prova; vocês acham que a R tem uma parte em relação a isso?

Am: Ah!...Eu acho assim, que ela explica muito bem a matéria, ela tira muito bem as dúvidas, voltando ao M.V., (professor de outra disciplina que aplicou a última prova de Português e que por isso acabou sendo questionado na entrevista pelos alunos) se a gente pergunta alguma coisa assim, que ele acabou de explicar que a gente não entendeu direito, ele tira sarro da nossa cara. “Aí você...eu acabei de explicar você não presta atenção!” E a R não, ela entende, ela fala... “Ah!”...Explica de novo, que nem aquele dia o V não estava entendendo e perguntava, perguntava e ela explicava, ele não estava conseguindo entender, ela não falou assim, “V, você não entende direito, eu acabei de explicar você não presta atenção”, não ela falou assim, ela começou a explicar até a hora que ele entendeu.

P: Mas, porque vocês acham que foram bem na (última) prova?

Al: Eu comecei a melhorar em Português, porque assim, eu sempre fui mal em Português, eu nunca gostei de Português e nessas provas da Roberta eu sempre tiro C e teve um dia que a Roberta me chamou pra falar, ela falou pra eu estudar mais pra melhorar a matéria, então assim, na prova dela um dia antes eu me matei de estudar, pra ir bem nessa prova.

ANEXO 8

Atividades Julgadas Positivas

10/04 – Liana

P: O que ela faz que você gosta?

L: Eu gosto da aula de redação.

17/04 – Carol

P: O que ela faz na classe que você gosta?

C: Ah! A aula de redação!

P: De qual atividade você mais participa?

C: Redação.

P: Por que?

C: Por que assim..., tem que usar a cabeça para fazer e eu gosto por que é interessante ter que usar a cabeça, é legal!

25/04 – Débora

P: Você gosta da aula de redação?

D: Gosto, é o que eu mais gosto.

P: Por que você gosta da aula de redação?

D: Ah! Porque eu gosto de escrever, então... E quem não gosta, não gosta da aula de redação, por causa que redação é fazer textos, né? Então, eu gosto de escrever.

26/04 – Vítor

P: E redação?

V: Redação eu gosto.

P: Por que você gosta de fazer redação?

V: Ah! Por que você aprende mais coisas. Com a redação você aprende o erro de Português, depois você vê o que você errou. Aí você já sabe como a palavra é. Eu gosto de escrever também por causa da imaginação das pessoas. Cada um tem sua imaginação. Aí, eu escrevo.

10/05 – André

P: Qual atividade a professora pede que você mais gosta de fazer?

A: Que eu mais gosto de fazer? É? (pausa)

P: Por exemplo, apostila, redação, aula de leitura?

A: Redação.

P: Por que?

A: Por que redação, você tira os limites da imaginação.

P: E avaliação, você gosta de fazer?

A: Ah! Tem algumas que são bem legais, são bem variadas.

29/05 – Grupo

P: Diz para mim o que a professora faz, na sala de aula, que produz satisfação para vocês, para o grupo todo? O que vocês gostam que ela faça, que produz satisfação pro grupo?

L: Aula de redação e aula de literatura.

(Silêncio)

P: O que vocês gostam, que dá prazer, que dá vontade de fazer.

F: Aula de redação e aula de leitura, eu acho muito legal!

E: O que eu mais gosto é ... redação, né!

Lu: Eu gosto bastante da aula de redação, por causa que nós treina mais a escrita, né?

P: E o André, que não falou nada até agora.

A: Aula de redação, que trabalha bastante com a imaginação e a aula de leitura que complementa.

P: Débora.

D: Aula de redação, que eu gosto de fazer, assim, redação, de eu inventar um texto, eu inventar um texto uma redação.

C: Aula de redação. Na aula de redação até teve uma vez que tava eu a Liana e o Felipe, a gente tava fazendo um texto e na hora que foi lê pro outro ficou parecida uma com a outra, deu sentido (falou isso com um tom de voz que denotava entusiasmo).

N: Também acho a aula de redação porque a gente fica mais solto e também eu gosto de fazer bastante redação.

06/06 – FI

P: E o que a professora faz que você mais gosta?

FI: O que a professora faz? Ahn...bom, quando ela dá alguma redação assim, os assuntos que ela dá é muito interessante, não é aquele assunto repetido, é sempre um assunto diferente do outro, assim a gente obtêm um conhecimento muito variado.

P: Ah!...Então, está bem...e qual a atividade que ela dá que você mais gosta de fazer?

FI: Redação.

P: Redação?

FI: É...porque ela não dá coisa... os exercícios pra você fazer, ela dá um assunto e você tem que usar a sua criatividade e isso é interessante.

FI: Porque, assim por ser um tema livre, a nossa criatividade tem mais liberdade, aí a gente vai aumentando, cada vez que a gente vai escrevendo, vem outra idéia e como eu fiz uma redação assim, engraçada, vai vindo mais e mais e mais idéia e eu vou colocando, por isso que a minha redação ficou grande, ficou acho que umas sete páginas, por isso que ela ficou tão grande, porque a minha criatividade foi aumentando, já com um tema único você tem que se basear só naquele tema, você não pode deixar sua criatividade aumentar assim você tem que só pensar naquele tema.

P: Você gosta de fazer avaliação de Português?

FI: Gosto!

P: Por que?

FI: Porque além de você estudar, que estudar é interessante, porque é capaz que você não tenha entendido alguma coisa e tenha esquecido de perguntar pra professora e quando você estuda, você percebe e procura aumentar o conhecimento e nas provas você vai...é legal, porque você vai lá todo nervoso com entusiasmo de fazer a prova e

você fica nervoso, mas quando você vai ver as perguntas são balanceadas e dá pra você fazer isso com calma, aí, isso é legal! Porque é um alívio, né?

12/06 Grupo

P: Ótimo! Então, vamos conversar sobre a redação livre. Vocês gostaram de fazer essa redação Livre?

Vn: Eu gostei, porque depois a gente fica mais criativo, você vai aprendendo até a gostar um pouco de escrever, porque você está fazendo a sua história.

Mc: Ah!...Eu gostei, porque a gente não tem que fazer uma coisa que ela pede, daí a gente pode fazer qualquer texto que a gente quiser.

Fl: É como o Mc disse, né? E também é legal por que a gente pode colocar a nossa criatividade, ver uma coisa e falar sobre ela, aí depois, começar o texto de novo, inventar um monte de coisa. Já quando tem um assunto, a gente tem que trabalhar em cima do assunto, daí já é um pouco mais chato.

Al: É legal, é legal a gente tem que fazer criatividade, tem que fazer fantasia pra fazer uma redação livre.

M.E.: Eu acho legal, porque você fica solto na aula, não fica aquela aula chata, cansativa, enjoativa.

P: Não, não, a outra. Eu queria saber se vocês gostam de fazer prova?

Fl: Adoro!

Fl: Ah!...Eu gosto, porque pra quem estuda, né? Pra quem é esperto, é praticamente nota grade (nota de média) assim, porque a gente tenta repor o que a gente aprende, ganhando nota sem ficar de recuperação e mais quando a prova é difícil, aí...((risos)) então, né? Não, é que eu raspei o dente.

Al: Eu acho legal, conforme você rever a matéria e ver se você entendeu a matéria bem.

19/06 – Grupo

P: Você está falando que isso acontece na redação que o aluno faz, mas da atividade em si, vocês gostam? Então uma coisa que eu percebo, quando tem a redação, depois que vocês escrevem a redação, aí vocês vão ler lá na frente, se você quiserem e o que vocês acham disso? Vocês acham legal isso?

A.C.: Eu acho legal, porque a classe toda ouve e a classe se diverte. Fica mais animada.

P: Você gostam de fazer prova de Português?

L. F.: Depende, quando tá fácil eu gosto.

26/06 – Grupo

P: Bom gente, como vocês gostam mais da redação, eu vou perguntar: sabem, aquela redação livre? Que ela (a professora) passou na lousa, que era para criar uma narração, uma história bem interessante, tinha que ter descrição bem detalhada dos personagens, tinha que contar como e quando a história aconteceu e dar um final surpreendente para o texto? Vocês gostaram de fazer essa atividade?

Am: Ah!...Eu gostei, a minha criatividade consegui usar ela bem.

Vn: Adorei!

P: Por que?

Vn: Ah!...Sei lá! Por que é bom criar histórias.

M.F.: Gostei, porque aí você cria qualquer coisa da sua cabeça.

M.R: Gostei...porque é legal a gente escrever histórias.

28/06 – Grupo

Am: Ah!...Eu acho ruim porque assim, o professor M.V., ainda mais ele, ele humilha muito a gente, ele fala assim: “não estudou na véspera da prova, tem que estudar, prova não é pra se tirar a dúvida”, só que se você tem uma dúvida instantânea, você estudou, estudou tirou aquela dúvida, só que de repente assim você não lembra do negócio, dá um branco, daí ele fala assim: “não estudou na véspera da prova, eu falo vocês tem aprender muito, vocês não sabem”, ele humilha muito a gente.

P: E a R.? (Risos do grupo)

Am: A R tira nossas dúvidas, ela deixa tudo esclarecido, se a gente pergunta no meio da prova ela não fala assim: “não estudou na véspera da prova”, ela é melhor.

ANEXO 9

Atividades Julgadas Negativas

10/04 – L

P: E o que você não gosta?

L: Quando ela dá apostila, eu não gosto de trabalhar com a apostila.

17/04 – C

P: E o que você não gosta?

C: A apostila. (riso)

P: Por que você não gosta da apostila?

C: Ah! Porque assim... Às vezes é meio enjoativo, ficar escrevendo, porque as vezes não dá vontade, aí eu gosto da aula de redação.

10/05 – Lu

P: E, a segunda avaliação que você fez? Você gosta de fazer avaliação?

Lu: Não!

P: Por que?

Lu: Por causa que eu fico muito nervoso.

26/04 – V

P: Agora vamos falar um pouquinho de prova. Você gosta de fazer prova, V?

V: Depende. Quando a prova tiver, por exemplo, difícil, eu não gosto, claro! (risos)
Agora fácil assim, eu gosto.

P: E o que você achou da prova de Português?

V: Qual? A última? (que ele havia feito e não propriamente a última prova de Português)

P: É.

V: Ah! Eu achei difícil, por que eu tava, não eu achei... Eu tava...tava fácil. Depois que a gente recebeu a prova, eu já tinha percebido que eu tinha errado questões bestas, sabe?

P: Você sabia?

V: Eu sabia. Ah! Meu Deus porque eu escrevi isso? Porque eu fiz essa resposta? É porque eu tava muito nervoso naquele dia. Você viu “Mirian” que eu tava nervoso, né?

29/05 – Grupo

P: E o que vocês não gostam que a professora faça?

C: Eu não gosto quando a gente trabalha na apostila.

D: Correção da apostila.

A: Ah! A apostila, as perguntas de interpretação de texto.

E: Ah! Eu não gosto quando tá na hora de ir na apostila, é muito chato.

V: Correção da apostila, porque às vezes você erra a pergunta, aí é para você corrigir aí não dá porque ela passa pra frente, aí a gente não pode pegar de outros alunos, né?

L: Então, aí na apostila a correção é chato, sabe? Também exercício na apostila é chato, todas as apostilas são legais, só a de Português é entediante, não tem nada, sei lá! (risos)

Aí eu acho que ela podia trabalhar de uma forma, sei lá! De uma forma mais agitada, deixar a gente trocar idéia.

12/06 – Grupo

P: Vocês gostam de fazer prova?

Vn: Odeio!

M.F: Ah! Depende da prova, se tiver muito difícil eu não gosto, aí se...

Am: Ah!...Assim, se eu estudar bastante, se eu souber que eu sei, eu fico tranqüila, tem vezes que é assim, eu fico muito nervosa, aí eu não gosto, me deixa muito tensa.

Vn: Odeio, eu fico totalmente trêmula na prova, assim tem vezes que eu estudo assim, a matéria, mas tem vezes que eu fico muito nervosa, daí eu fico trêmula, aí tem vezes que a maioria das...aí por causa disso eu erro muita coisa, principalmente coisa de Português, coisa de verbo assim, essas coisas de adjetivo, substantivo, às vezes não entra muito bem na minha cabeça, daí eu fico muito nervosa.

M.E.: Eu não gosto, porque eu fico histérica, começo a estudar, estudar, estudar, estudar e quando eu estudo assim, não aprende muito, porque eu acho que a gente fica muito histérica, daí na hora dá branco.

Y: Eu não gosto, porque eu fico muito nervosa, fico com medo.

B: Eu não gosto, porque eu fico nervosa.

My: Eu não gosto, eu fico muito nervosa.

13/06 – M.F.

P: Ahn!...O que a professora, assim faz que você gosta?

M.F.: Ah!...dá as aulas de leitura, de redação, do que eu menos gosto acho que é a apostila, só que eu gosto também.

P: Então, o que você não gosta é a apostila. Do que você menos gosta?

M.F.: É, eu gosto mais não tanto.

P: Por que você não gosta da apostila?

M.F.: Ah!...Por que ela tem uns exercícios de procurar no texto que é meio chato.

19/06 – Grupo

P: Vocês gostam de fazer prova de Português?

Dn: Não

A.C.: Não

I: Não

P: Por que vocês não gostam de fazer a prova?

A.C.: É difícil.

M.G: Às vezes é difícil.

T: Ela põem coisa muito difícil, a pergunta às vezes, não tem muito sentido, sabe?

20/06 – A.C.

P: E o que é que ela faz que você não gosta?

A.C.: Muito exercício na apostila e correção.

P: Então, você gosta de fazer a prova?

A.C.: Não!

P: Por que?

A.C.: Ah!...Por que eu fico nervosa.

P: E como você se sente quando você faz a prova de Português?

A.C.: Eu fico nervosa porque eu tenho medo de tirar nota baixa.

ANEXO 10

Instrução

10/04 – L

L: Ela ensina bem, a matéria dela legal! É boa, eu gosto da matéria dela, que ela dá. Da forma de trabalhar, também é legal!

12/04 – C

P: O que você mais gosta nela?

C: Ah! Pelo jeito que ela trata a gente, ela é bem criativa, ela faz coisas interessantes.

P: Agora diz para mim, o que mais chama atenção na R para você?

C: Ah! Que ela é gentil. Ela não grita, ela é carinhosa. Ela explica as coisas direitinho.

C: Por que sempre as coisas que ela faz é interessante.

25/04- D

P: O que você mais gosta nela?

D: Ah! Ela explica bem, né? Ela não dá alguma tarefa e num explica e já dá para outro dia, assim, difícil. Ela dá tarefa fácil, ela explica bem!

26/04 – F

P: O que você mais gosta nela?

F: Ah! Tipo assim, quando ela explica, por que ela explica bem, não fica aquela dúvida.

F: Ah! Tipo assim, eu acho que ela explica bem, sabe? Ela brinca no meio, ela dá exemplos.

F: Ah! Eu disse, o jeito dela de explicar, né? Porque eu gosto daquele jeito, porque ela fala lá, tipo assim, se você não entendeu, ela vai e explica de novo.

26/04 – V

P: O que você mais gosta nela?

V: Ah! Eu gosto da explicação dela. Ela explica muito bem!

P: Quer me falar um pouquinho como ela explica?

V: Ah! Ela explica assim, por exemplo, vai ter uma prova, aí ela explica no dia... um pouco dia antes da prova, aí para a gente estudar né? Aí, a gente estuda e cai tudo o que ela falou na prova.

10/05 – A

P: O que a professora faz que você gosta?

A: Ela é bem explícita e ela é bem legal! Não é muito exigente. Não que ela não exige, não peça que não faça nada, ela quer que faça sim. Ela entende quando a gente não entendeu os exercícios e explica depois.

P: Você gosta de fazer as coisas que ela pede?

A: Eu geralmente gosto sim, a maioria dos exercícios são bem legais.

10/05 – L

P: Você gosta da professora R?

Lu: Ah! Eu gosto, porque ela explica muito bem as coisas, ela...quando você tem dúvida ela responde, ela não é aquela professora brava.

P: Você gosta de fazer o que a professora pede?

Lu: Gosto! Por causa que as coisas que ela pede são divertidas, né?

24/05 – Mg

Mg: Ela, às vezes, faz umas brincadeiras com a gente, a gente também brinca com ela, mas a hora de brincar na sala é hora de brincar, agora a hora de explicar é a hora de explicar.

P: É o que mais chama sua atenção nela?

Mg: É que ela é...ela (pausa) que nem eu falei, as aulas dela são divertidas

06/06 – Fl

P: O que você mais gosta na sua professora?

Fl: É porque ela não é aquela professora de Português que vive escrevendo, ela explica bastante. O jeito dela explicar é legal.

P: Hum!...Fala um pouquinho pra mim do jeito que ela explica.

Fl: Não assim, ela não vai passando tudo na lousa, quando ela explica ela dá uns exemplos, assim não exemplo normal assim do dia a dia, exemplos diferentes que com o tempo nós poderemos usá-los.

P: Hum!...Sei. O que você mais gosta nela?

Fl: O jeito de explicar né? E éec....que ela é muito simpática, ela não é aquelas professoras que quando vai explicar a pergunta parece que está brigando.

12/06 – Grupo

Am: Ah!...Eu gosto, porque ela explica bem a matéria, ela tem...algumas vezes, ela faz brincadeiras.

Mc: Ah!...Ela explica bem e é divertida.

V: Ela explica bem, é divertida e dá bastante aula de leitura pra ver quem tá com dificuldade ou não, eu acho isso legal.

B: Que ela explica bem e é divertida.

P: Ela ensina novamente se for preciso?

Grupo todo: Sim. ((juntos))

Fl: Pra quem pede! É, ela ensina bem pra quem pede, né? Se todo mundo fica quieto ela não ensina de novo, ela só explica assim o básico, depois ela explica o mais difícil e caso alguém pergunta ela explica de novo.

20/06 – A.C.

P: E como a R ensina vocês a fazerem redação?

A.C.: Ela passa uma proposta, aí ela dá um exemplo, aí a gente tenta fazer.

27/06 – Grupo

P: E você acha que a R ela ensina bem?

A: Ensina.

P: Por que?

... bem detalhadamente, assim as coisas mais difíceis, ela explica

ANEXO 11

Socialização

06/06 – F

P: Depois que você termina a redação, a R pede pra você ler, não é?

Fl: Hum!...Hum!

P: O que você acha disso?

Fl: Ah!...Eu acho legal, né? Porque não dá pra você ficar vendo, não dá pra você ver, ah!...Eu acho legal, né? Não dá pra você ficar só pra si isso, você quer contar para os outros, como uma novidade, você quer contar para os outros, aí lendo toda a classe vê, toda a classe ri, né? Aí você se sente mais...como eu posso dizer, capaz.

P: E o que você acha disso?

Fl: Ah!...Eu acho legal, porque compartilha a redação pra classe, né? Ele (o aluno) fala a redação pra classe e todos ficam vendo a criatividade que ele teve a dificuldade, se foi pouca, se foi bastante.

12/06 – Grupo

Fl: É que é da hora, porque assim a gente faz uma redação e quando a redação está legal, a gente acha que está legal, então, né? Aí, a gente fica doido, a gente não consegue guardar só pra gente, a gente fica doido pra contar para os outros e a professora dando essa oportunidade, assim a gente fica mais livre, né? Mais solto, né?

20/06 – A.C.

A.C.: É legal, a classe fica...fica vendo, vê o texto dos outros.

26/06 – Grupo

M.R.: Eu acho legal, porque os outros conhece a nossa história e a gente conhece a história dos outros.

A.C.: Eu acho interessante, porque aí você mostra o seu texto para os outros e você conhece o texto das outras pessoas e você não tem vergonha, você vai perdendo a vergonha.

27/06 – Grupo

N: Eu acho que isso daí eu acho que é bom, porque as pessoas que acharam que a redação delas não ficaram boas, elas pegam uma idéia dos outros, mas aí elas montam com a própria criatividade.

Fl: Ah!...Eu acho legal, né? Porque é uma forma assim de você mostrar o trabalho para os alunos, para valorizar mais, então, né? Então, é o que eu disse e também porque você lendo para os outros, você não consegue fazer uma redação legal e achar que está legal e guardar só para você, você tem vontade de contar para os outros, aí para os outros também verem como é sua redação, verem sua criatividade.

28/06 – Grupo

M.G: Eu acho bom, porque assim os outros conhecem nossa história a gente conhece a história dos outros, eu acho legal ouvir a história dos outros também.

A.C.: Eu acho legal, porque aí você mostra a sua criatividade para os outros, eles conhecem sua história, você conhece a história deles e assim...

ANEXO 12

Relação Professor – Aluno

26/04 – F

P: Ela tem um bom relacionamento com a sua sala?

F: Ah! Eu acho que sim.

24/05 – Miguel

P: Como você se sente na aula dela?

Mg: Ah!...na aula dela eu me sinto tranquilo, porque eu sei que se eu perguntar alguma coisa pra ela eu sei que ela vai me explicar.

12/06 – Grupo

P: Vocês acham que um bom relacionamento do professor com vocês influencia no que vocês estão fazendo?

Todos: Sim.

M.F: Sim, porque o professor assim, se ele é seu amigo, né? Aí ele te ajuda mais ele tira mais as suas dúvidas.

Am: Eu acho que sim, por que a gente tem uma relação mais assim, mais íntima com o professor, então ele se sente mais a vontade de explicar e a gente se sente mais a vontade de perguntar.

Vn: Eu acho que sim, porque o professor assim, tem que depender muito do jeito que ele educa, ele tem que também por uma segurança na criança, né? Para ela não ficar com medo assim de aprender e se ele ensina mal ou tira sarro mesmo, assim a criança pode até ficar com vergonha e não aprender nada e não pergunta fica com dúvida eu acho que é...precisa...

Mc: Ah!...Eu acho que sim se você for legal com o professor ele vai te dar mais atenção, ele vai te explicar melhor, você vai ter mais vontade de falar com ele quando você tiver dúvida, mas se você for chato com o professor ele vai ficar pegando no seu pé, você não vai querer fazer nada, você não vai perguntar para ele nada, você não vai querer tirar sua dúvida e vai ficar com dúvida na prova nos exercícios que ele dá.

Al: Se o professor... um relacionamento bom com o professor, porque se você não fica chateado com o professor, se você não gosta da aula dele, eu acho que é interessante você ter um bom relacionamento com o professor.

M.E.: Eu acho muito legal, porque tipo assim, quando os professores são legais ou mesmo que não são legais muito, mais impõe respeito tipo M.V., a maioria não gosta porque ele é bravo, mas eu gosto dele porque ele impõe respeito, porque ninguém conversa na aula dele, daí eu presto atenção, eu acho muito legal!

Y: Eu acho legal...porque a aula fica mais legal.

B: Eu acho legal, sim porque você pode dar as opiniões e é legal.

19/06 – Grupo

P: Vocês gostam...Como vocês vêem a relação da professora com a classe?

A.C.: Legal!

Dn: Boa.

L.F.: Boa.

T: Boa.

P: Todo mundo concorda que é boa?

Todos: Sim.

P: Como vocês se sentem na aula da professora R.? Assim, como vocês se sentem, porque tem professor que a gente se sente de um jeito na aula, tem outros que de outro. Eu queria que vocês falassem como que vocês se sentem na aula da R.?

I.: Normal.

M.G: Também normal, como todas!

Dn: Normal.

P: E para encerrar eu queria perguntar para vocês o seguinte: para vocês o bom relacionamento do professor com o aluno, ele influencia assim, na aprendizagem, naquilo que vocês estão fazendo?

A.C.: Sim!...Porque, aí quando você gosta mais do professor você presta mais atenção na aula, você vai melhor na matéria.

M.G: Quando gosta do professor sim, mas quando não gosta, tem mais dificuldade, fica mais com dúvida, não gosta de perguntar para o professor a dúvida.

I.: A mesma coisa da M.G.

T: Ah! Quando o professor é muito chato assim, às vezes nem dá para assim, gostar da matéria, aí você pensa assim. Ah!...Vai ter aula do quê? Ah!...Português, aí você já fica chateada, aí é importante.

M.R.: Eu acho que influencia, porque se o professor é chato, se ele é bravo, você tem medo de perguntar às vezes uma dúvida, de tirar dúvida, então se ele é mais legal, você pergunta sem medo.

A.C.: Eu também acho isso, porque quando a gente vai mal na matéria, porque a gente tem medo de perguntar, a gente não pergunta porque alguém pode tirar sarro assim...

M.G: Se a gente perguntar alguma coisa, daí a gente pensa que vai brigar já com ele, que vai falar essa pergunta idiota, sabe?

I.: Que vai gozar da nossa cara.

L.F.: É porque quando o aluno tipo assim, sabe? Fica com medo de perguntar para o professor, porque às vezes, o professor é muito bravo, vai dar muita bronca, vê o professor dando bronca nas outras pessoas, aí ele fica inseguro, né? Com medo de perguntar.

26/06 – Grupo

P: Vocês acham que o bom relacionamento do professor com o aluno influencia no que vocês estão fazendo, na atividade que vocês estão exercendo?

V.: Ah!...Me sinto um aluno normal assim, porque ela está me ensinando coisas que a gente vai ver isso no futuro.

Mc: Eu me sinto bem porque ela explica bem, ela tira nossas dúvidas e...Ah!...É isso.

A.C.: Ah!...Eu me sinto normal.

M.R.: Bem!

M.F.: Bem!

Al: Bem, não tem mais o que falar eles já falaram tudo.

Vn: Muito bem, muito bem mesmo.

P: Por que?

Vn: Ah!...Por que a aula dela é boa, ela é divertida a professora, e a gente se sente bem.

Am: Ah!...Me sinto bem por que ela tira todas as dúvidas.

P: Vocês acham que o bom relacionamento do professor com o aluno influencia no que vocês estão fazendo, na atividade que vocês estão fazendo?

Mc.: Sim!

P: Por que?

Mc.: Ah!...

V.: Ah!...Eu acho que sim, pois o aluno fica mais apoiado, com mais apoio e mais segurança pra fazer as perguntas, porque se a professora tiver um mal relacionamento com o aluno, ele nunca vai fazer pergunta pra ela com medo dela responder mal pra ele.

A.C.: É porque é assim, se você gosta do professor, você se sente melhor na aula, você presta mais atenção, você não tem vergonha de perguntar.

M.R: Influencia como a A.C. falou.

M.F.: Ah!...Acho que sim, porque aí quando você vai perguntar, você não tem vergonha, porque você sabe que o professor vai responder... com sei lá! Com maior importância pra ele e por exemplo, a professora se ela não gostar de algum aluno, o aluno não vai perguntar alguma coisa pra ela.

Al: Eu acho que está certo o que a M.F. falou, ((risos)) mas a professora tem que ter muita paciência com a gente também.

Vn: Eu acho que sim, porque se o relacionamento do professor com o aluno não é muito bom, o aluno fica inseguro, ele acha que tudo o que a professora tá... a professora tá contra ela, fica brava, fica com raiva da professora.

Am: Ah!...Eu acho que sim porque se a gente assim, a professora sempre tira a dúvida da gente, você se sente mais a vontade e se a gente percebe que a professora não gosta da gente, a gente não aprende direito.

V.: Professora, eu acho que a professora R., ela é muito legal, porque no começo ela era um pouquinho chata, só que eu compreendo...acho que aí ela não era chata, porque ela está fazendo o papel dela como professora, porque os alunos como o E. por exemplo, ele bagunça, aí a professora chama a atenção dele e ele pensa que a professora não gosta dele e ele não gosta dela, porque o relacionamento dos dois assim, acho que é ruim e eu acho a R. que no começo ela era meio chata comigo, só que eu entendo, porque ela era meio chata, porque eu bagunçava, só que agora eu não estou mais bagunçando, estou prestando mais atenção nas aulas e agora ela está sendo melhor comigo, porque eu acho assim, que quanto mais o aluno participa da aula dela mais ela é amiga do aluno.

Al: Ah!...Sei lá! Mas, assim, claro que todo mundo gosta da R, mas o lado assim, que eu achava ruim dela é que ela puxava muito o saco de alguns alunos. ((risos do grupo))

Am: Eu acho que ela é legal, porque ela ensina bem, ela tira as dúvidas, dá atenção para quem pede para tirar as dúvidas. Eu vou sentir muita falta dela.

V.: Eu acho que ela tem que puxar ...ela não puxa o saco, acho que ela é legal com todo mundo, alguns, né? Porque alguns...a maioria da classe participa da aula dela e assim ela é legal. Como diz...como diz assim...sei lá! Porque como...se o aluno for legal com ela, assim na aula dela, desempenha, que goste dela, que ela tem certeza, ela também faz a mesma coisa com o aluno e isso acho que isso não é puxar o saco.

A.C.: É, não é que ela puxa o saco, ela pega no pé para o aluno melhorar, prestar mais atenção na aula.

27/06 – Grupo

P: Como vocês se sentem na aula da R.?

Al.: Bem.

P: Por que?

L.: Porque é legal!

F.: Bem, também porque ela é legal e eu gosto mais ou menos das aulas dela.

N: Ah!...Me sinto bem!...

P: Por que?

N: Ah! Por que eu gosto das aulas dela.

A: Bem!...Por que na aula dela a gente é bem liberado assim, só não pode fazer o que não pode fazer em qualquer lugar.

Fl: Bem!...Por que eu me sinto muito bem, porque a aula dela é da hora de se ouvir, né? Ela assim, não é como certos professores que vive dando bronca, que nem o M.V. que só sabe humilhar o aluno, qualquer pergunta ela responde.

Mg: Bem!... Também por que a aula dela é tipo mais descontraída.

A.C.: Me sinto ótima, por que é legal!

P: Vocês acham...para vocês um bom relacionamento entre aluno e professor influencia nas atividades, no que vocês estão fazendo?

Fl: Influencia, porque o aluno estando bem com o professor vai melhor na matéria, o aluno daquele professor que ele não vai muito com a cara ou é muito bravo com ele, pega muito no pé dele, ele não consegue demonstrar toda a inteligência.

Mg: Eu acho que influencia, porque tipo assim, você é minha professora, tudo que eu falo você retruca, aí tipo eu vou ficar com medo de falar com você, aí isso acaba influenciando, o aluno pode até ser prejudicado porque ele tem medo de falar com o professor.

A: Influencia mais ou menos, porque não é exatamente o relacionamento do professor com o aluno é mais o modo que o professor ensina, porque o relacionamento, mesmo que não seja muito bom, se o professor ensina bem o aluno vai aprender.

ANEXO 13

Entrevista com a Professora R

Entrevista realizada com a professora R no dia 26.06.01, na sala de professores. A entrevista foi realizada através do roteiro.

Será utilizado P para identificar a pesquisadora e R para identificar a professora.

Dados Pessoais: R. T. C., 24 anos, solteira.

P: Onde você estudou, qual a sua formação?

R: A minha formação foi na PUC Campinas. Durante o meu curso eu fui aluna bolsista do CNPq, por dois anos, apresentei vários trabalhos pelo Brasil, participei do Congresso Nacional do SBPC, de outros em Ponta Grossa em Curitiba. Na PUCC mesmo apresentei trabalhos e continuei o meu curso, né? Além disso, como a minha área no CNPq era de formação em Análise do Discurso, eu acabei fazendo depois da faculdade um curso, uma pós-graduação Latus-sensu em Análise do Discurso.

P: O que é mesmo SB...?

R: Eu trabalhei no CNPq, como aluna bolsista durante dois anos e participei de Congressos no SBPC.

P: O que é SBPC?

R: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, apresentei, apresentei em Ponta Grossa no Paraná, que era um Congresso Nacional do CNPq e de outras entidades também. Assim que voltei da SBPC fui chamada para apresentar, chamada assim, fui convidada pela NET Campinas para dar uma entrevista em relação à Análise do Discurso e aí seguiu e depois disso é que eu fiz a pós-graduação latus-sensu em Análise do Discurso que era a minha área que eu trabalhei no CNPq.

P: Quanto tempo faz que você tem essa atividade profissional? Acho que como docente mesmo, não é?

R: Bom, eu me formei em 98, dois anos faz que eu dou aula, mas antes de me formar sempre pegava uma aula ou outra, então não tenho assim tempo para te dizer, né? Mas que eu estou lecionando mesmo, que estou nessa área continuamente dois anos.

P: Você já trabalhou em outro local?

R: Já trabalhei em outros locais, trabalhei em escolas públicas, trabalhei em escolas particulares, trabalhei para banca examinadora do vestibular da PUC-Campinas e agora estou aqui nesta Instituição e fora daqui, dou aula à noite numa escola pública também, que chama-se Israel Schoba.

P: Quanto tempo você tem de carga horária aqui?

R: Aqui na escola eu tenho atualmente trinta horas aulas, só que minha carga vai diminuir, não é? Vai para doze horas.

P: Voltando a outra, não é?

R: Isso! Voltando a professora.

P: E quanto tempo faz que você está aqui na Instituição?

R: Um ano, um ano e alguns meses, mas não tenho certeza.

P: Certo. O que a escola representa para você?

R: A escola representa para mim um lugar de ensino-aprendizagem, tá? Eu estou aqui, eu não estou só para ensinar, mas eu estou para aprender, né? Assim que a gente cresce dentro, a escola é um lugar de aprendizagem tanto para os alunos quanto para quem trabalha nela, quanto para os professores, né? A aprendizagem é mútua.

P: E os alunos; o que eles representam para você?

R: Aí, são sementes do futuro, são jóias que nós precisamos aprender lapidar para que a gente possa mudar esse futuro imprevisível do Brasil. São jóias que nós temos, que a gente ora aprende, ora ensina.

P: E a Afetividade? Como você vê a Afetividade na sala de aula?

R: Olha! Em relação aos alunos, eles são muito afetivos para comigo, são bastante afetivos, gosto muito dos meus alunos, creio que não faço acepção de alunos, creio que trato todos igualmente. Eu acho que a afetividade, ela acaba te auxiliando no processo ensino-aprendizagem. Você cria uma empatia, você gosta dos seus alunos, você olha e vê o seu futuro e o futuro deles ali na sua frente, então você acaba criando um elo com eles e isso te ajuda no processo. Você tem aquela vontade, aquela sede que eles aprendam que eles saiam da sua sala. Eu aprendi, eu sei, eu gosto de trabalhar isso e a afetividade ela vem no processo, ele (o aluno) está aprendendo, então você vai criando uma afetividade em cima disso, né? Porque eles aprendem, eles buscam em você e você também acaba buscando neles.

P: Então você considera importante a afetividade para a relação entre professor-aluno?

R: Ah! Considero, considero, porque eu fui experiência de uma escola super autoritária, que o professor não...ele era, digamos assim um ditador, ele tinha suas regras e você tinha que segui-las, não tinha jeito eu fui aluna de um sistema desse e uma vez quase me prejudiquei por não... por o professor ser muito distante e parecer não se importar com você, não é? Você não é nada para ele, né? Você... é o que eu sentia, lógico que com o tempo vai passando a gente vai olhando com outros olhos, mas no processo de quinta, sexta série, até antes a gente tem que saber trabalhar a afetividade.

P: Se você quiser falar mais um pouquinho do processo ensino-aprendizagem, junto com a afetividade...

R: É a base. Não que seja a base, né? Mas a afetividade ao meu ponto de vista ela é importante, porque ela é um elo entre você e seu aluno.

P: Então... vamos falar do aluno, sim? Das relações. Como é a sua relação com seus alunos?

R: Olha!.. Eu posso dizer que 90% da minha relação com todos os alunos aqui é boa, é proveitosa, é feliz, não é? Alcança seus objetivos, mas mesmo em alguns alunos eu vejo dificuldade, porque eles não se achegam, eles tem medo, não sei é a visão deles, do aluno, não é? Mas, como eu já disse, gosto de todos igualmente, vejo em todos eles uma perspectiva de futuro.

P: Vamos falar agora um pouquinho sobre as atividades que você desenvolve na sala de aula? Você pode falar sobre as que lhe dão maior prazer?

R: A aula de redação, gosto muito de trabalhar a aula de redação, porque você ajuda os seus alunos a criar algo e creio que hoje você aprende língua portuguesa pelo texto.

P: E o que você faz quando vê um aluno seu em dificuldade?

R: Se eu percebo que meu aluno tem dificuldade, ele vai ser o meu alvo, então eu vou até a carteira, explico, tento sanar a dúvida do aluno, pergunto. Um aluno, outro dia teve dificuldade, a mãe me mandou uma carta, mandei outra para mãe para que ela pudesse estar...pudesse dirigir os estudos em casa, com o aluno, então é...e a gente acaba crescendo com as dificuldades, né? A gente tem que saber crescer com as dificuldades, a gente aprende com isso, então eu tento voltar para esse aluno e explicar e não deixar ele sair da sala de aula com a dúvida. Que ele também não tenha medo de me perguntar, que ele pergunte mesmo, que ele faça perguntas.

P: Você já falou um pouquinho, mas como que você ensina? Não só atividade de redação, mas teoria mesmo. Como que é o seu jeito de ensinar?

R: Eu crio com meu aluno o conceito, eu não dou conceito pronto não é como se é trabalhado a gramática com os conceitos, mas eu parto do pressuposto que nós somos autodidatas da língua e que eu já utilizo toda a gramática, mas eu...e essa gramática ela foi teorizada, não é? Os teóricos da língua, os estudiosos, teorizaram e eu tento com meu aluno fazer com que ele enxergue aquilo e que ele crie o conceito dele e para que ele vai precisar utilizar aquilo, né? Porque eu preciso aprender o que é um substantivo, né? Qual é a importância, mas o meu nome é um substantivo né? Eu utilizo um substantivos sem saber que ele é um substantivo, então eu parto da...não do abstrato, mas do concreto para o abstrato.

P: E que importância tem, para você, claro, a sua mediação do conhecimento do aluno?

R: A importância? Você é um mediador do conhecimento, você é um professor, eu não digo professor, professor acho que nós temos aos montes, nós temos que pensar que nós somos educadores. O Brasil precisa de educação, de educadores e não professor. Professor é uma profissão, educador eu já acho que é uma vocação. Você educar, você sentir prazer nisso e você sendo mediador do conhecimento, você tem que levar o aluno a querer conhecer, a querer...a querer criar os seus conceitos. Por que é que eu estudo a língua portuguesa? Eu falo Português, mas por que, não é? E a língua, querendo ou não, ela é um processo que envolve o preconceito, nós temos a língua coloquial, a língua escrita, a língua falada, então nós temos, então nós temos que trabalhar com nosso aluno toda essa visão da língua, ela é um processo e a nossa função é colocar isso para o aluno, não é? E acho que eu, à partir das aulas de redação, nós conseguimos fazer isso.

P: Aquela atividade que você aplica, da Apostila, os exercícios da apostila... (risos)

R: Ah!...Aquilo. Eles não gostam.

P: Diga-me, qual seu objetivo em dar aquele...?

R: Primeiro, porque a Apostila ela...eu trabalho os exercícios da apostila, né? Não me prendo totalmente, mas alguns exercícios, nós tiramos...nós utilizamos a apostila porque também é uma ordem do estabelecimento de utilizar a apostila, mas eu não me prendo a ela, não é? Mas, infelizmente, alguns eu tenho que trabalhar dentro dela, né? Os pais pagaram, então ela tem que ser utilizada, né? Isso é uma cobrança, infelizmente.

P: Como você vê a participação dos alunos nas atividades na sala de aula?

R: Eu tenho bastantes alunos participativos, sempre os mesmos, mas eu acho isso muito importante, você tem que participar, eu dou...eu abro brecha para que meu aluno fale mesmo, na sala de aula, né? A língua é falada também, não é? Aquilo lá, não é só o professor que fala, só o professor que ensina, o meu aluno tem o que me ensinar e tem o que ensinar as outras crianças também, então acho que essa participação é muito importante também e gosto mesmo de aluno que participa e você assistindo as minhas aulas, sabe que eu deixo que eles falem mesmo, que eles exponham as suas dúvidas que eles contem uma história diferente, que eles tragam textos que acharem interessante, acho muito importante no crescimento deles.

P: E a leitura? Vejo que você também dá bastante leitura.

R: Ah!... Nós fazemos uma roda de leitura, fazíamos...e agora nós estamos sem paradidático, nós vamos a biblioteca é muito importante o aluno perceber que a leitura faz ele crescer, que com a leitura ele conhece o mundo. Ele consegue dialogar com o texto dele, à partir das pequenas leituras, isso vai dando um crescimento ao aluno. A leitura faz ele crescer, então eu volto muito as minhas aulas para leitura, deixo no começo da aula um aluno ler um texto que ele goste, levo-os a biblioteca, faço rodas de leitura, para que ele perceba a importância da leitura, né? Nós temos aí comprovado no Brasil que o jovem, o adulto, quem quer que seja, não lê, não tem o hábito de leitura e quer.....eu acho importante criar esse hábito, no meu aluno, criar um leitor é dever nosso, né? De educador, criar...educar também à partir da leitura.

P: Então, vamos falar, para encerrar, por exemplo, sobre redação, que é uma coisa que quase todos adoram fazer. Eu queria que você falasse só um pouquinho sobre a atividade que você mais gosta de aplicar.

R: É a redação, redação, leitura, né? Eu não tenho uma...eu gosto, na realidade tudo é fundamental em língua portuguesa, mas a prática de texto é muito interessante.

P: É, então, é sobre isso que eu gostaria que você falasse um pouquinho, porque você gosta disso, não é? De aplicar isso. E existe alguma atividade que você não gosta?

R: Ah!...É difícil gosto muito da língua portuguesa e não vejo assim, uma atividade que eu não goste, que eu não tenha prazer em fazer, prazer em ensinar não tenho...tanto as descobertas textuais, a gramática, a leitura, a redação acho tudo isso muito importante não tem uma ou outra que eu não goste, né? Assim, que eu fale não gosto, não consigo achar uma assim. Ah!...Não gosto. Tenho por todas preferências.

P: Por que você acha que eles gostam tanto de redação? Isso é uma pergunta, acho, que até minha, mesmo.

R: Eles gostam de redação, porque eles ficam livres para a criatividade e muitas vezes o professor inibe a criatividade do aluno e a redação você deixa livre, você propõe o tema, você explica as técnicas, mas a escrita é deles e eu quero que meus alunos se sintam sujeitos do texto deles, coisa que nós não sentimos, pelo menos eu, na minha fase eu não sentia, eu sujeito do meu texto, eu tenho que sentir sujeito, tenho que me sentir sujeito do meu texto, eu estou escrevendo esse texto, então a partir do momento que você dá...que você deixa a criatividade do aluno fluir, ele trabalha melhor e ele gosta mais com certeza.